



CRB

## Quadro Programático da CRB 2010-2013

### HORIZONTE

Em meio aos grandes desafios do mundo complexo e plural, da realidade da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada, a Palavra de Deus nos impulsiona a avançar com os “olhos fixos em Jesus” (Hb 12,1-3), movidos/as pelo Espírito que o consagrou e enviou a anunciar a Boa-Nova (Lc 4,18). Provocados/as por uma nuvem de testemunhas (Hb 12,1), reafirmamos nossa identidade místico-profética e reavivamos a paixão pelo Reino, defendendo e promovendo a vida, assumindo a causa dos empobrecidos e construindo relações humanas, fraternas e solidárias.

### PRIORIDADES

1. Redescobrir o sentido profundo da VRC, revitalizando a paixão por Jesus e seu Reino mediante a escuta da Palavra de Deus, a oração encarnada, a contemplação sapiencial da realidade, o compromisso discipular-missionário, a convivência como irmãos e irmãs e a comunhão com toda a criação.
2. Avivar a dimensão profético-missionária da VRC, atuando nas novas periferias e fronteiras, intensificando a opção pelos empobrecidos, e fortalecendo o compromisso com as grandes causas sociais, econômicas, políticas e ambientais.
3. Qualificar as relações na VRC e em seu espaço de inserção, em diálogo com as diferenças pessoais, culturais, étnicas, religiosas, geracionais e de gênero.
4. Ampliar o diálogo com as novas gerações em seus anseios e inquietações, e buscar novas metodologias para a animação vocacional.
5. Aprofundar o conhecimento da realidade juvenil e intensificar a presença e ação junto às juventudes.
6. Buscar maior leveza e agilidade institucional da VRC e ampliar as fronteiras congregacionais por meio da intercongregacionalidade, da partilha do carisma com outras pessoas e grupos de redes e parcerias.



- Vida Religiosa e a Jornada Mundial da Juventude
- O diálogo inter-religioso no Vaticano II
- A Vida Consagrada Religiosa e a aventura da fé
- A *de-formação* na Vida Religiosa Consagrada
- A “natureza missionária” a partir do encantamento de Deus

## Sumário

### Editorial

“Permanece conosco!” (Lc 24,29) ..... 369

### Mensagem

Tempo de agradecer! .....372

### Informes

Vida Religiosa e Jornada Mundial da Juventude: perspectivas e desafios  
RUBENS NUNES DA MOTA .....376

Ser missionário junto ao povo sofredor da Amazônia  
FRANCESCO SORRENTINO ..... 381

Aldeia do silêncio  
FREI BETTO..... 388

Juventudes e trajetória social: o Crack como sinalizador do contexto!  
RUBENS NUNES DA MOTA .....391

Secretário da CIVCSVA ..... 392

### Artigos

O diálogo inter-religioso no Vaticano II  
ELIAS WOLFF ..... 394

A Vida Consagrada Religiosa e a aventura da fé  
MARIA ABRÃO.....415

A *de-formação* na Vida Religiosa Consagrada: análise de possíveis efeitos  
regressivos no processo formativo da Vida Religiosa Consagrada  
DEBORA DAMIOLINI..... 422

A “natureza missionária” a partir do encantamento de Deus  
PAULO SUESS..... 436



#### DIRETORA

Ir. Márian Ambrosio, dp

#### EDITOR

Ir. Lauro Daros, fins

#### REDATOR

Pe. Plutarco Almeida, sj  
MTb 2122

#### CONSELHO EDITORIAL

Ir. Helena Teresinha Rech, sst  
Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp  
Pe. Cleto Caliman, sdb  
Pe. Jaldemir Vitório, sj  
Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

#### DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II  
70393-900 – Brasília – DF  
Tel.: (61) 3226-5540 – Fax: (61) 3225-3409  
E-mail: [crb@crbnacional.org.br](mailto:crb@crbnacional.org.br)  
[www.crbnacional.org.br](http://www.crbnacional.org.br)  
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas  
do PDF sob o n. P. 209/73

*Projeto gráfico:*  
Manuel Rebelato Miramontes

*Coordenação de revisão:*  
Marina Mendonça

*Revisão:*  
Mônica Elaine G. S. da Costa e Sandra Sinzato

*Impressão:*  
Gráfica de Paulinas Editora

*Ilustração da capa:*  
Ir. Anderson Augusto de Souza Pereira, msc

## ASSINATURAS

*Prezado(a) assinante,*

O nosso Cadastro Informatizado de Assinantes mudou, e mudou para melhor! A partir de agora, assinaturas novas, bem como renovação de assinaturas, podem ser feitas das seguintes maneiras:

- Através do site [crbnacional.org.br](http://crbnacional.org.br), imprimindo o boleto bancário
- Boleto bancário via e-mail ([convergencia@crbnacional.org.br](mailto:convergencia@crbnacional.org.br))
- O método tradicional (depósito direto na conta da CRB Nacional: Banco do Brasil, ag. 1230-0, c/c. 306934-6) continua valendo, mas é necessário mandar o comprovante por fax ou e-mail!

Por favor, sempre que houver algum problema entre em contato conosco através do e-mail

**[convergencia@crbnacional.org.br](mailto:convergencia@crbnacional.org.br)**

ou pelo telefone **(61) 3226-5540**

ou pelo fax **(61) 3048-6479**.

Teremos o maior prazer em atendê-lo(a).

## “Permanece conosco!” (Lc 24,29)

369

EDITORIAL

A Convergência de julho/agosto com alegria publica a mensagem de Ir. Márian Ambrosio, IDP, que, por seis anos, de 2007 a 2013, na presidência da CRB Nacional, animou e revitalizou a VRC do Brasil. À Ir. Márian Ambrosio, toda a gratidão e o carinho da VRC do Brasil pela sua itinerância, comunhão, gestão, dinâmica e pelo exemplo de paixão pelo Reino; e gratidão a Deus pela dedicação da Ir. Márian à Vida Religiosa. Com ela, a CRB Nacional “sentiu-se provocada a convocar toda a Vida Religiosa a voltar-se, com todas as forças, para o sentido mais profundo de sua vocação – seguir Jesus e assumir seu Projeto: o Reino de seu Pai, reino de vida, dos pequenos, dos últimos”.

A seção Informes inicia-se com o texto de Frei Rubens, OFMCap, sobre a Vida Religiosa e a Jornada Mundial da Juventude. O autor preocupa-se muito com a continuidade do ânimo despertado durante a JMJ e se pergunta: como ficarão os jovens que irão se aproximar de nós buscando valores, acolhida, ânimo e incentivo?

A seguir, Pe. Francesco Sorrentino, PIME, escreve sobre a missão na Amazônia, o encantamento, o desencantamento, a esperança transformadora. Segundo o autor, a mensagem ao missionário *Ide pelo mundo inteiro e fazei discípulos meus todos os povos* “não admite nenhuma forma de proselitismo, mas considera dois aspectos interligados entre si. Primeiro: a vivência profética, isto é, na dúplici dimensão de anúncio e denúncia, da compaixão de Jesus com os sofredores. Segundo: a construção concreta do Reino de Deus, que é a chave interpretativa do discipulado cristão”.

Neste mundo conturbado, excessivamente ruidoso, no qual as pessoas se sentem compulsória e compulsivamente na obrigação de estarem conectadas on-line 24 horas por dia, Frei Betto oferece o livro *Aldeia do silêncio*, convidando o leitor a refletir sobre o mistério da linguagem e a inestimável riqueza do silêncio interior. Outro livro apresentado é *Juventudes e trajetória social: o Crack como sinalizador do contexto!*, de Frei Rubens Nunes da Mota. O trabalho do autor implica a formação e o acompanhamento de assessores/as que atuam junto às juventudes, nacionalmente, bem como junto às lideranças juvenis.

O quinto e último texto dos Informes apresenta à Vida Religiosa do Brasil o Rev.mo Frei Pe. José Rodríguez Carballo, OFM, secretário da Congregação dos Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica (CIVCSVA).

Quatro artigos de temáticas diferentes garantem ao leitor uma leitura profunda e agradável, considerando os conteúdos e a clareza dos autores: “O diálogo inter-religioso no Vaticano II”, de Elias Wolff; “A Vida Consagrada Religiosa e a aventura da fé”, de Maria Abrão; “A *de-formação* na Vida Religiosa Consagrada: análise de possíveis efeitos regressivos no processo formativo da Vida Religiosa Consagrada”, de Debora Damiolini; “A ‘natureza missionária’ a partir do encantamento de Deus”, de Paulo Suess.

No primeiro texto, Elias esclarece que “o Vaticano II orienta os fiéis católicos ao diálogo com as religiões”. No segundo texto, Maria Abrão pensa que “falar da fé, para um cristão, é falar do eixo em torno do qual a sua vida está ordenada”. No terceiro texto, Débora traz a preocupação da “*de-formação*” no processo de formação. Diz: “Muitos são os fatores que empobrecem e, às vezes, aniquilam a pessoa, ao longo desse processo, ao invés de ajudá-la a dar passos”. No quarto texto, Suess elenca “seis cenários que permitem perceber componentes essenciais para a construção da identidade da missão”, e diz que a missão tem como meta o Reino de Deus.

Prezado e prezada assinante, a possibilidade do contato com os mais variados textos enriquece o objetivo da Convergência: oferecer subsídios de formação, reflexão e aprofundamento para as comunidades religiosas. A leitura e a reflexão alimentam a mente e o espírito e orientam a nossa prática. Pela leitura e pela reflexão, a VRC exerce sua missão com vitalidade e criatividade.

LAURO DAROS, MARISTA

## Tempo de agradecer!

*“Reconhece Deus em todos os teus caminhos,  
e ele aplainará suas trilhas.” (Pr 3,6)*

### **Mensagem de gratidão à Vida Religiosa no Brasil**

Quão sagrado é o tempo que vivemos! Cada dia é o melhor presente que recebemos de Deus. Cada dia é a melhor resposta da fiel criatividade que marca nossas decisões.

Hoje, é dia de agradecer. Os sentimentos que motivam estas linhas confundem dois triênios na CRB, uma vez que são tantos os acontecimentos que desrespeitam calendários e cronogramas...

*Itinerância* – Longos foram os dias, os meses, os anos dedicados à consolidação de uma nova casa para a CRB Nacional, hoje solidamente presente e atuante em Brasília. Se a descrição dos fatos se torna desnecessária hoje, a mensagem reveste-se de significado profundo: não temos lugar permanente, não pertencemos nem à segurança nem à acomodação de lugares terrenos. Nossas raízes possuem asas, nossos projetos desafiam a perpetuação, nossas utopias são regidas pelo Carisma da obediência ao Espírito. Seis anos foi o tempo que a CRB Nacional precisou para itinerar geograficamente, e sem conta foi e será o tempo de itinerância de uma Vida Religiosa em busca de seu sentido mais profundo, de seu “lugar teológico” no tempo e no mundo.

*Concede, Senhor, leveza missionária a nossos passos...*

*Comunhão* – Longa é a lista das pessoas que itineramos ao longo destes anos. Pessoas a quem aprendemos a transformar

de raízes em asas. A contemplação tem sido o novo nome de quem buscamos conhecer o jeito de Deus ao aplainar as trilhas, como diz sabiamente o texto de Provérbios escolhido para iniciar este texto. Deus, que poderia tudo realizar em um átomo de tempo, prefere usar mãos e pés humanos, mente e coração de pessoas. As pessoas que formaram o corpo institucional que conhecemos pelo nome CRB Nacional foram representadas por diretorias, conselhos, comissões, equipes, círculos, grupos, indivíduos. Consciente de que seus nomes – um a um – estão gravados no coração de Deus, resulta simples externar apenas a profunda gratidão que sentimos ao final deste sexênio.

*Concede, Senhor, humilde generosidade a nossas lideranças...*

*Gestão* – Longas foram também as buscas por superar as dificuldades geradas pela determinação em preservar a herança de 54 anos, vinculada à igual determinação por adequar a estrutura organizacional às possibilidades do atual momento e da previsão futura da Instituição. É gratificante perceber o movimento voltado à busca por leveza, ao estudo de novas metodologias, à redação da difícil documentação, à construção de relações circulares, inclusivas e corresponsáveis. Merece destaque a reflexão que acompanha os processos de mudança. A apropriação e o exercício da conhecida terminologia de “redes e parcerias” nos conduziram à proclamação da fé no “Deus da aliança”, conceito bíblico-teológico que fundamenta a forma de nossas inclusões junto às incontáveis instituições políticas, sociais e eclesiais que a Capital Federal nos proporciona.

*Concede-nos, Senhor, a força testemunhal da vocação...*

*Dinâmica* – Longos são os processos de preparação, organização e realização das Assembleias Gerais Eletivas da CRB. Longos, pacientes, envolventes e participativos. Cada AGE garante não somente os conteúdos, mas o “horizonte” e as “prioridades”. Mais que fazer muitas coisas, a CRB Nacional sentiu-se provocada a convocar toda a Vida Religiosa a voltar-se, com todas as forças, para o sentido mais profundo

de sua vocação. A motivação “Diga a esta geração: Avance! (cf. Ex 14,15) impulsionou a cerrar fileiras diante dos desafios da época; a motivação “De olhos fixos em Jesus!” (cf. Hb 12,1-2) impulsionou a centrar, a focar nossos projetos; a motivação “Permanece conosco!” (Lc 24,29) impulsiona nossos dias atuais a fortalecer a consagração de nossa casa a Deus, a dar a Deus o que já lhe pertence.

*Concede-nos, Senhor, força martirial e total à opção que fazemos hoje...*

*Missão* – Longas são as distâncias e os caminhos que nos convidam à resposta missionária ao Deus da Vida! Com o objetivo de concretizar prioridades, esta fase da CRB Nacional foi marcada por recordar-nos do compromisso vocacional mais autêntico – seguir Jesus e assumir seu Projeto: o Reino de seu Pai, reino de vida, dos pequenos, dos últimos. “Paixão pelo Reino” passou a ser a expressão repetidamente pronunciada, escrita, sublinhada e testemunhada em incontáveis chances de reflexão – junto a superiores e superiores maiores e junto às novas gerações; junto às irmãs e junto aos irmãos, junto às comunidades inseridas e às comunidades em missão além-fronteiras; junto a gestoras e gestores; junto à geração recolhida pela idade ou pela doença; junto aos grupos atuantes em serviços apostólicos de nova fronteira ou em clausura monástica e contemplativa. Símbolo da gratuidade missionária de todas e de todos nós, continua a desafiar nossa resposta à comunidade missionária intercongregacional no Haiti.

*Concede, Senhor, generosa inquietação a nossos corações missionários...*

### ***É tempo de agradecer!***

A chegada desta edição da *Convergência* às comunidades coincide com a realização da XXIII Assembleia Geral Eletiva da CRB Nacional. Ela é resultado de um movimento rico e fecundo que perpassou os núcleos das Secções Regionais da CRB e de todas as Comunidades Religiosas de

nosso país. Em situações várias, o lema “Permanece Conosco!” transformou-se em grito, em apelo nascido do mais profundo de nosso ser, que renova a certeza de que somente sua presença dará segurança a nossos passos que desejam voltar ao lugar vocacional de nossa opção.

O sentimento de gratidão a Deus é sinal da alegria de saber que, ao proclamarmos que ele é o caminho, reconhecemos que ele aplainará suas trilhas!

Obrigada, Irmã! Obrigada, Irmão!

IRMÃ MÁRIAN AMBROSIO  
Presidente Nacional da CRB (2007-2013)

## Vida Religiosa e Jornada Mundial da Juventude: perspectivas e desafios

RUBENS NUNES DA MOTA\*

A Jornada Mundial da Juventude (JMJ) tem sido um tema muito discutido por todos nós,<sup>1</sup> contudo, faltava ainda uma reflexão sobre o impacto desse grandioso evento na Vida Religiosa (VR). Sobre as reflexões acerca desse tema temos exaltações positivas e críticas. Os aspectos positivos dizem respeito à grandiosidade do evento e à publicidade que o mesmo dará à Igreja. Já algumas das críticas estão voltadas para a massificação feita nos processos pastorais, ocorrendo o risco de desprezar as vivências nas bases em vista de um momento.

Tanto as críticas quanto os valores do evento procedem e devem ser levados em conta para que evitemos os extremos entre a diluição de um projeto pastoral e a indiferença diante de um momento histórico. É fato que a JMJ tem um efeito grandioso no País e no mundo. Vi isso presencialmente na última Jornada em Madri, Espanha. É fato também que é um evento que *vem e vai*. A questão que nos fica é: como vivenciar essa experiência de maneira que revitalize nossa caminhada? É difícil mensurar o impacto exato que a JMJ deixará na Vida Religiosa, mas é possível provocar alguns pontos sobre o desdobramento que pode desencadear.

Visto que a JMJ é para a Juventude, buscando uma aproximação da Igreja com esse público, farei esta breve reflexão em duas dimensões: uma mostrando a aproximação da VR junto às Juventudes e outra sobre a presença da VR na JMJ.

### Vida Religiosa e juventudes

A Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB Nacional) tem percorrido um caminho que vem abrindo alguns

horizontes que levam ao encantamento pelas juventudes<sup>2</sup> e incentivo à assessoria da Vida Religiosa (VR) aos jovens. Priorizar as juventudes significa buscar um processo de aproximação, de acompanhamento valorizando a vida e o protagonismo. É olhar para além da instituição em prol das juventudes, evitando a instrumentalização da vida. Acrescentar o “S” já preconiza a diversidade que se quer atingir, tanto assessorando os jovens que estão no meio eclesial, em pastorais e movimentos, quanto aproximando, valorizando e acompanhando as juventudes que estão além do espaço eclesial.

Ao longo destes seis anos de reflexão sobre juventudes que a CRB vem fazendo, é importante ter o olhar social sobre as implicações desse tema. Tais implicações dizem respeito às lutas por políticas públicas, vendo o jovem como sujeito de direito, devendo ser percebido como pessoa. Esse olhar implica a percepção de valores que podem ser verificados nesse período da vida, que vão muito além de idade, o *kronos*, reconhecendo-se um processo capaz de gerar projeto de vida. Essa reflexão pode ser mais animadora e projetiva da frase costumeiramente ouvida: “O jovem é o futuro, é o amanhã”. O que sabemos é que nesse *amanhã* ele poderá ser qualquer coisa, menos jovem. O futuro depende do hoje! Se valorizarmos o jovem e investirmos em seu protagonismo (SOUZA, 2008), o futuro melhor que sonhamos terá maiores condições de ser presentificado.

É justamente no caminho da valorização das juventudes que a Jornada Mundial da Juventude (JMJ) nos encontra no Brasil. Sabemos que muitos jovens não irão à JMJ no Rio de Janeiro: alguns por não quererem, outros por não poderem. Mais do que a supervalorização do evento em si, é importante percebermos o impacto deste momento histórico na vida das juventudes. Quais as contribuições desse grande evento em nosso país? Qual é de fato a importância da JMJ para as juventudes? Por que esse evento está gerando tanta mobilização? O que esperar dele e que sementes ele pode plantar na sociedade brasileira, em particular nos jovens deste país? Será mesmo um divisor de águas?<sup>3</sup>

\* Frei Rubens Nunes da Mota, OFM Cap, é assessor da CBR Nacional.

1. A história das Jornadas Mundiais da Juventude. *Revista Convergência*, ano XLVII, n. 453, jul./ago.

2. MOTA, R. N. Juventudes: o exercício da escuta e aproximação. Brasília: CRB Nacional, 2012.

3. Questões levantadas no artigo publicado no jornal *Correio Riograndense*, em novembro de 2012.

A história das Jornadas Mundiais da Juventude<sup>4</sup> evocam reflexões sobre o movimento da Igreja para se aproximar dos jovens. O termo que tenho utilizado para refletir sobre o movimento de aproximação e encanto que as Jornadas Mundiais de Juventude têm despertado é *processo*. É compreendendo o processo do evento que se pode diminuir o peso da crítica dos que são contrários às Jornadas, bem como suavizar a empolgação dos que excedem nas expectativas sobre as mesmas. É com base na experiência vivida, com suas virtudes e limites, que se torna possível edificar uma nova história, um sonho possível de valorizar a vida e vigor das juventudes.

Vejam os aspectos a JMJ aquece os ânimos missionários, quais os limites encontrados e como a VR participa desse processo.

### *Vida Religiosa na JMJ*

As Jornadas Mundiais da Juventude (JMJ) são descritas<sup>5</sup> como uma forte experiência festiva de fé; unidade da Igreja, vínculo eucarístico, reconciliação e festa; conexão entre as nações; catolicidade da Igreja; esperança da realização do Reino de justiça e paz; experiência de Comunhão; encontro entre o Papa e os jovens; momento de comunhão entre os jovens, os pastores e todos os que procuram Deus de coração sincero. Festival de alegria e unidade de países e línguas.

Alguns aspectos ressaltados na JMJ dizem respeito à base teológica e cristocêntrica do Papa João Paulo II; é um evento da Igreja voltado para a juventude; busca pela comunhão eclesial, apontando o Papa como sinal visível da aproximação da Igreja e comunhão com outros jovens que procuram a Deus de coração aberto.

A próxima JMJ acontecerá aqui no Brasil de 23 a 28 de julho próximo, no Rio de Janeiro, mas seu movimento mobilizador já começou com o *Bote Fé*. Os ícones da Cruz e de Nossa Senhora chegaram a São Paulo no dia 18 de setembro de 2011. Muitos de nós, religiosos e religiosas, nos

4. MOTA, Frei Rubens. A história das Jornadas Mundiais da Juventude. *Revista Convergência*, ano XLVII, n. 453, jul./ago. 2012.

5. LOPES CARDOSO, Erofilho. *A mensagem teológico-pastoral do Papa João Paulo II nas vinte JMJ*. Salto, SP: Ed. Schoba, 2006.

envolvemos nessa construção: fizemos parte da comissão oficial da CNBB enviada a Madri para compreender a realização do evento e participamos da construção aqui em nosso país. A VR se envolveu desde a elaboração dos subsídios para os grandes eventos até a articulação dos grupos de base para acolher os ícones, mobilizar para semana missionária e envio de jovens ao Rio de Janeiro. Muitas congregações aproveitam esse evento para fazer grandes encontros com as juventudes ligadas aos seus carismas.

É importante compreender que essa Jornada vai além do lugar físico, Rio de Janeiro, do tempo do evento, 23 a 28 de julho. A JMJ começou para nós quando soubemos que seria aqui no Brasil. Ela já se tornou realidade nas bases quando os ícones da Cruz e de Nossa Senhora percorreram as dioceses, paróquias, comunidades, presídios e periferias, fazendo com que as pessoas, os jovens, tivessem contato direto com esse grande acontecimento.

É importante capricharmos no segundo grande momento, que será a *semana missionária*. A novidade do Brasil é que essa semana muda o nome de *pré-jornada* para *semana missionária* e, com essa mudança, dá-se uma tonalidade toda especial de missão para a JMJ. Acontecerá na semana que antecede a JMJ e é o tempo para acolher os jovens que chegam de outros países; porém, mais do que isso, é tempo de inclusão. Inclusão das diversas juventudes que não poderão ir ao Rio de Janeiro, mas que têm o direito de participar do processo e de se sentir Igreja. Mesmo as comunidades que não irão acolher estrangeiros são convocadas para esse tempo missionário. A missão preocupa-se com grandes questões: como animar os jovens e como preparar as comunidades e paróquias para acolherem e darem continuidade ao ânimo despertado na JMJ?

A história da JMJ é marcada por grandes mobilizações de conotação missionária, ao impactar o mundo com sua notícia, bem como mobilizar o país que a cedia. É fato também que, com o passar do tempo, o pós-jornada revela que há um retorno a um cotidiano eclesial pouco atrativo para as juventudes, caindo no esquecimento.

### ***Possíveis desdobramentos***

Mesmo que a JMJ seja vista como um evento que *vem e vai*, um momento histórico não pode ficar na cômoda posição de somente criticarmos e assistirmos. Essa postura já fora criticada por Jesus em relação a Zaqueu, quando quis ver Jesus em cima da árvore, atrás das folhas. Querer ver Jesus é muito bom, mas do alto, de longe, sem se envolver no meio da multidão, é meio complicado para uma postura de discipulado. A comissão da JMJ tem pensando um projeto que dê continuidade até 2015 às reflexões e iniciativas que estão sendo geradas. É preciso que se tome conhecimento, que se busque contribuir e se envolver nesse processo.

Não há problemas termos críticas sobre a JMJ, mas é importante sairmos de nossas zonas de conforto e nos prepararmos para acolher as juventudes que terão suas vocações despertadas nesse evento. É importante também acolhermos e acompanharmos as diversas juventudes que não terão condições de ir ao Rio de Janeiro. É preciso criar oportunidades para que essa grande população juvenil não se sinta excluída do processo, que é muito mais do que o evento na cidade do Rio de Janeiro. Outro aspecto é a continuidade do ânimo despertado. Devemos insistir e investir nessa preocupação sobre a continuidade, pois a Jornada não pode parar no dia 28 de julho. Pensemos: como ficarão os jovens que irão se aproximar de nós buscando valores, acolhida, ânimo e incentivo?

### ***Referências***

- SOUZA, R. M. *O discurso do protagonismo juvenil*. São Paulo: Paulus, 2008.
- MOTA, R. N. *Juventudes: o exercício de aproximação*. Brasília: CRB Nacional, 2012.

## Ser missionário junto ao povo sofreador da Amazônia

FRANCESCO SORRENTINO\*

### ***Introdução***

Na Quaresma de 2007, o olhar das comunidades cristãs no Brasil dirigiu-se à Amazônia. A Campanha da Fraternidade daquele ano trazia o tema “Fraternidade e Amazônia”

-30(32012.)]TJLEEFF0053

hoje, fizeram parte da minha experiência missionária. As observações e considerações apresentadas nestas poucas páginas referem-se, sobretudo, no contexto amapaense, à vida de um povo que atravessa corajosamente “o rio de cada dia, às vezes mais largo, abissal em suas entranhas, mas às vezes estreito como um córrego”.<sup>2</sup>

### Missão na Amazônia

Colocar-se ao serviço dos povos da Amazônia comporta, antes de tudo, o conhecimento e a apreciação do rico patrimônio que conservam, lembrando o que os bispos do Brasil salientaram em 2007:

Os povos da Amazônia não são selvagens que vivem no atraso e na ignorância. A percepção do significado histórico e simbólico da Amazônia pode levar-nos a descobrir, junto com seus povos, uma visão mais humana e generosa da vida. O modo de vida dos povos da Amazônia pode ser um parâmetro para o mundo todo [...], oferece um contraponto para uma reflexão sobre um novo caminho para o Brasil e para a humanidade.<sup>3</sup>

Trata-se de um ponto de partida fundamental para o missionário, chamado não a poetizar a realidade amazônica, mas, sim, a se entrosar nela, deixando-se cativar pelo seu povo, por sua cultura, por seu território, por suas expressões linguísticas, artísticas e religiosas. É a primeira e mais elementar forma de amor que pode ser oferecida. Vale a pena recordar, inclusive, que na Amazônia há toda uma *epifania* divina escondida em suas peculiaridades. Portanto, o anúncio do Evangelho, nesta terra, em sintonia com o mais recente Magistério eclesial,<sup>4</sup> não pode prescindir delas.

Há também o outro lado da medalha, constituído pelas contradições sociopolíticas que se encontram em terras amazônicas. Talvez seja essa a etapa mais espinhosa da missão, e diante dela é preciso escolher: continuar o caminho na desolação aparentemente sem saída, como os dois discípulos de Emaús,<sup>5</sup> ou reler tudo à luz da Páscoa de Jesus?

2. CANTO, Fernando. *Adoradores do Sol: novo textuário do meio do mundo*. São Paulo: Scortec-ci, 2010. p. 193.

3. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Campanha da Fraternidade 2007: Manual*. São Paulo: Salesiana, 2007. p. 30-31.

4. Cf. RM 52-54.

5. Cf. Lc 24,13-35.

Só a segunda opção, a nosso ver, abre caminhos para uma libertação “inculturada”, porque protagonizada pelo Espírito do Ressuscitado, que vivifica cada povo e cultura que se compromete com o Evangelho.<sup>6</sup> Chega, então, a hora da esperança transformadora, que torna crível a proximidade do Reino de Deus para tantos homens e mulheres que, na labuta cotidiana e silenciosa, entre rios e florestas, aguardam ansiosamente a chegada de “*novos céus e nova terra*”.

Resumindo: as riquezas e pobreza da Amazônia levam o missionário a passar por um tríplice dinamismo, a saber: o encantamento, o desencantamento e a esperança transformadora.

### O encantamento

É quase impossível morar na Amazônia e não se extasiar com a exuberante beleza da criação, visível no “coquetel” de cores que revestem as múltiplas espécies de fauna e flora. Além disso, atrai a sacralidade que a cultura amazônica reserva à “mãe-terra”, pela qual passa a presença e o cuidado de Deus para com o ser humano.

Muitas vezes, navegando no Rio Jari (AP), para a semestral visita às comunidades ribeirinhas, ou percorrendo os atalhos do mato que conduzem às comunidades rurais, senti toda a força e verdade daquelas palavras com as quais se reza na Liturgia das Horas:

Ó grande Autor da terra,  
que, as águas repelindo,  
do mundo o solo erguestes,  
a terra produzindo,  
de plantas revestidas,  
ornada pelas flores,  
e dando muitos frutos,  
diversos em sabores.<sup>7</sup>

E que dizer das tantas e diferentes manifestações religiosas? Maior entre todas é a do Círio de Nazaré, que reúne milhares de pessoas, de todas as idades, sobretudo os mais

6. Cf. IRARRAZÁVAL, Diego. Missão latino-americana: libertação inculturada. In: *Desafios da missão*. São Paulo: Mundo e Missão, 1995. p. 85.

7. Hino das Vésperas da terça-feira da III Semana.

pobres, que em Maria reconhecem um amparo bem próximo. É a fé simples do povo amazônico, transmitida de geração em geração, não preocupada com argumentações filosófico-teológicas, mas vivida na sinceridade e e e

a precariedade do sistema de saúde e de segurança pública, o descaso dos órgãos públicos. Causa de enorme preocupação é também a perda de empregos que, em breve, atingirá milhares de famílias daquela região, por causa da suspensão, sem prazo, das atividades da fábrica de celulose.<sup>9</sup>

De 2007 a 2011, anos de meu ministério em Laranjal do Jari (AP), toquei com as mãos o sofrimento de nosso povo, injustamente penalizado com a falta de serviços básicos como saúde, água, sistema de esgoto e energia elétrica.<sup>10</sup> Além disso, lembro, com amargura, o tratamento desumano reservado aos homens, às mulheres e aos menores infratores detidos na Delegacia de Polícia Civil daquele município. Não eram regularmente informados sobre o andamento de seu processo judicial e a permanência nas celas da Delegacia não respeitava as devidas separações por sexo e idade. Para os(as) encarcerados(as) não havia, inclusive, um ambiente higienicamente saudável; não recebiam alimentação, a qual se deixava, às vezes, a cargo das famílias dos encarcerados. Sem falar das torturas que alguns deles recebiam na hora da captura.

Como não se indignar com a exploração sexual de adolescentes em casas noturnas, prostituídas por quem pagasse mais, no assim chamado “leilão da virgindade”?<sup>11</sup> Decepção e indignação aumentam quando não se encontra o devido apoio por parte dos órgãos “competentes” como, por exemplo, o Conselho Tutelar.

Por todas essas situações de sofrimento, e por tantas outras de ultraje à dignidade humana, a missão na Amazônia se enche de aflição.

### *A esperança transformadora*

O testemunho do Novo Testamento recorda aos discípulos – missionários do tempo presente, que o desencantamento diante dos desafios que encontram não constitui a palavra última. De fato, tanto Jesus quanto seus Apóstolos se depararam com situações de opressão, diante das quais não renunciaram a proclamar, por palavras e gestos, a Boa-Nova do Reino.

9. Cf. Participantes do 28º Encontro das Comunidades de Base. *Carta aberta ao povo de Deus da Diocese de Macapá e a todas as pessoas de boa vontade do Estado do Amapá e do Pará*. Disponível em: <<http://www.diocesedemacapa.com.br/noticia>>. Acesso em: 31 jan. 2013.

10. Cotidianamente, havia racionamento prolongado de energia elétrica. Certo dia, ficamos quase vinte horas sem eletricidade.

11. Conforme testemunho recebido de uma menor de idade, resgatada do mundo da prostituição; nos prostíbulos as jovens mulheres, antes de ter relações sexuais, subiam numa mesa onde mostravam seus corpos nus aos sádicos exploradores, muitos dos quais pertenciam à classe alta da sociedade amapaense.

Na *Evangelium Nuntiandi*, Paulo VI nos recorda que Cristo morto e ressuscitado é base, centro, ápice da evangelização,<sup>12</sup> e o Cardeal Martini explica:

A comunidade testemunha que o Espírito do Ressuscitado, vencendo as forças desagregadoras da morte que levam ao egoísmo, à violência e à dominação, opera para a vida. Faz-se, portanto, a experiência de que Cristo vive, porque envia o Espírito. Por isso, para a comunidade primitiva, afirmar que Cristo está ressuscitado queria dizer que Cristo vive agora na glória e opera com poder, transformando a nossa história pelo dom do Espírito.<sup>13</sup>

A esperança transformadora, então, não é uma consolação passageira entre o encantamento e o desencantamento. Ela é ação do Espírito que, ainda hoje, realiza no mundo a vitória do Ressuscitado e passa tanto pelo caminho da contemplação e da missão, quanto pela perseguição e martírio,<sup>14</sup> como testemunham homens e mulheres, de ontem e de hoje, inocentemente sacrificados por causa do Reino. Seu cerne é a Páscoa de Jesus, cume de toda uma existência vivida no horizonte da práxis libertadora, a partir da qual o(a) missionário(a) na Amazônia enxerga, vivencia e aponta uma esperança grávida de transformação.

Fundamento de tal esperança é a que Dom Tonino Bello<sup>15</sup> chamava de *crisologia divina*, distinguindo-a, usando uma expressão bastante dura, de uma *crisologia satânica*. A primeira apresenta o Cristo como o Servo sofredor e o Messias que veio para servir e não para ser servido. A outra, que em Pedro encontra um de seus primeiros expoentes, mostra de forma distorcida o messianismo de Jesus, enfeitando-o de triunfalismo e prepotência. Só a partir de uma *crisologia divina*, então, pode-se esperar uma eclesiologia igualitária, ou seja, uma Igreja que, longe de qualquer prestígio e purificada de toda arrogância, veste o avental e serve os “últimos”.<sup>16</sup> Portanto, é o prolongamento da compaixão de Cristo pelos pobres que na Amazônia gera uma esperança transformadora, porque constrói o Reino de Deus, isto é,

12. EN 27.

13. MARTINI, Carlo Maria. A proclamação de Jesus morto e ressuscitado: base, centro, ápice da evangelização. In: *Desafios da missão*. São Paulo: Mundo e Missão, 1995. p. 161-162.

14. Cf. BARROS BARBOSA, Francisco de. *A experiência do “Cristo Servo” na América Latina: uma crisologia de serviço e seguimento*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 85-88.

15. Dom Tonino Bello (1935-1993) foi bispo de Molfetta-Ruvo-Giovinazzo-Terlizzi (Bari/Itália) e presidente de *Pax Christi*, movimento católico internacional que promove a paz. Os destinatários privilegiados de seu ministério foram sempre os pobres, os moradores de rua, os imigrantes. Por isso, escolheu como lema episcopal: “Audiant et laetentur” (Escutem os humildes e se alegrem).

“a manifestação e a atuação do seu desígnio de salvação, em toda a sua plenitude”.<sup>17</sup>

### À guisa de conclusão

A “canoa” da missão na Amazônia, levada pela ousadia da correnteza do Evangelho, conduz a rios e igarapés cheios de surpresas: umas agradáveis, outras não. Na verdade, é isso que se tentou mostrar, brevemente, ao abordar algumas causas de encantamento e desencantamento. A realidade que se quis demonstrar é a seguinte: se por um lado o divino habita a Amazônia, por outro o anti-Reino alastra-se com poder. Os sinais são palpáveis e denotam que aquele mesmo povo, detentor de inúmeras riquezas e potencialidades, é também um povo que sofre injustamente e, com frequência, seu sofrimento é manipulado por grupos políticos e religiosos.

Para o missionário, encantado e/ou desencantado, permanece sempre imprescindível o envio de Cristo: “*Ide pelo mundo inteiro e fazei discípulos meus todos os povos...*”. A atuação desse mandato na Amazônia, assim como nos demais lugares do planeta, não admite nenhuma forma de proselitismo, mas considera dois aspectos interligados entre si. Primeiro: a vivência profética, isto é, na dúplici dimensão de anúncio e denúncia, da compaixão de Jesus com os sofredores. Segundo: a construção concreta do Reino de Deus, que é a chave interpretativa do discipulado cristão. Tal construção, como se disse, é obra do Espírito do Ressuscitado, que passa como sopro silencioso no meio dos povos amazônicos, fazendo-os protagonistas de uma empreitada transformadora.

16. Cf. BELLO, Tonino. *Servi inutili a tempo pieno: testimoni gioiosi per evangelizzare il mondo*. San Paolo: Cinisello Balsamo, 2002. p. 140-145.

17. RM 15.

FREI BETTO\*

Vivemos em um mundo conturbado, excessivamente ruidoso, no qual as pessoas se sentem compulsória e compulsivamente na obrigação de estarem conectadas on-line 24 horas por dia!

As novas gerações parecem alheias ao silêncio. Assim, distanciam-se cada vez mais do encontro consigo mesmas, da escuta interior, das vias subjetivas que conduzem à oração, à meditação e à contemplação.

Essa inquietação me levou a escrever o romance *Aldeia do silêncio* (Rocco, 192 pp.). A inspiração me veio em janeiro de 2010, quando eu voava de São Paulo para Quito, onde participei de um evento de povos indígenas – aliás, educados no valor do silêncio.

Meu personagem se comunicava pelo silêncio. Palavras construídas em pensamento e que ganharam o mundo através de seus escritos. Assim é o homem que faleceu em um hospital, 17 anos depois de ter sido ali internado.

Uma vez alfabetizado, seu mutismo tornou-se intransponível. E sua internação alimentou-se de intensa leitura. Ao morrer, deixou um caderno com um rico relato de como vivera antes de ingressar no hospital.

*Aldeia do silêncio* é uma viagem pelo mundo interior de uma pessoa sem nome próprio, mas com identidade definida. Vivendo com seu avô, sua mãe, o cachorro e o urubu de estimação, esse personagem aprendeu a preencher com silêncio seu vazio interior.

Sua família vivia reclusa, longe de qualquer sinal de “civilização”. O isolamento também os libertava do controle do

\* **Frei Betto** é autor de 56 obras, entre romances, contos e infantojuvenis. Por sua obra literária, ganhou duas vezes o prêmio Jabuti, além dos prêmios da Associação Paulista dos Críticos de Arte e o Alba de Literatura. Suas obras foram traduzidas para 24 idiomas.

tempo. “Prescindíamos de relógio e calendário; ali o tempo desconhecia marcadores de ciclos e velocidade”, escreveu o personagem, enquanto definhava no leito de hospital.

Mas a paz conquistada pelo isolamento não duraria para sempre. Mesmo resistindo por anos ao apelo do pai – que fora viver na cidade – para que deixasse aquele local considerado atrasado e miserável, o homem sem nome não pôde enfrentar a força dos estranhos que chegaram à aldeia e o exilaram de sua casa e de sua família, as únicas referências que conheceu por toda a vida.

Cultivando o silêncio, ele descobriu o poder da palavra. E também como a palavra, todos os dias, é maltratada e violentada. Parecia-lhe que as pessoas têm necessidade de falar, tagarelar, banalizar o uso do verbo, enquanto ele, desde criança, se deliciava com cada palavra aprendida de uma forma que ninguém jamais entenderia.

“Não é a boca que faz o silêncio, é o âmago do nosso ser. [...] O verdadeiro silêncio cala o espírito e se traduz em paz interior, em inquietação d’alma, e a ninguém julga, nem a si mesmo.”

Em *Aldeia do silêncio*, convido o leitor a refletir sobre o mistério da linguagem e a inestimável riqueza do silêncio interior.

### Trecho do romance

“Outro dia irmã D., a religiosa diretora do hospital, falou-me, entusiasmada, do silêncio dos monges. Sua voz suave se acentuava pelo modo animado com que movia o rosto cor de leite e os gestos amplos de seus braços curtos, proporcionais à sua pequena estatura. Recusei-me a contradizê-la. Apenas dei um sorriso complacente, contido, para preservar a respeitosa distância que há entre nós. Se tivesse ânimo para objetá-la, diria que o silêncio dos monges é povoado de ruídos simbólicos. Ainda não é o silêncio como expressão do Silêncio. É apenas o ruminar de significantes que funcionam como pinças para elevar e enlevar a alma dos monges que escutam Alguém ou alguma coisa. Esse sussurro, esse

*rumor* de anjos, os mantêm reclusos. Talvez temam romper o limite entre os significantes e os significados, o espaço indecifrável do silêncio inexprimível. Silêncio desprovido de sentido, vazio de si e do Outro, plenitude ociosa. É ali, onde a teologia se cala e as liturgias perdem sentido, que o Silêncio se manifesta como radical ausência. E, no entanto, é esse colapso de todos os significados que atrai, articula e funde as peças que transformam todas as coisas em uma única – o real indizível. Ali se suprimem as distâncias entre a Terra e o céu, o humano e o divino, o natural e o sobrenatural. Ali o verbo é irreversivelmente conjugado, tão somente no presente, verbo impregnado de caráter epifânico. Mais que epifania, ele provoca diafania. Tudo resplandece.”

## Juventudes e trajetória social: o *Crack* como sinalizador do contexto!

RUBENS NUNES DA MOTA

Apresento, neste texto, meu livro intitulado *Juventudes e trajetória social: o Crack como sinalizador do contexto!* O livro é fruto de uma pesquisa feita no meu mestrado<sup>1</sup> e tem implicações em minha opção de vida. Sou assessor da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) e trabalho há quatro anos no setor Juventudes dessa Conferência, com vinte regionais, filiais localizadas nas principais capitais do País. Este trabalho implica a formação e acompanhamento de assessores/as que atuam junto às juventudes, em nível nacional, bem como junto às lideranças juvenis.

O estudo da trama que envolve droga e violência, presen-

## Secretário da CIVCSVA

A CRB Nacional apresenta à Vida Religiosa do Brasil o Rev.mo Frei Pe. José Rodríguez Carballo, OFM, novo secretário da Congregação dos Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica (CIVCSVA). Frei José R. Carballo, OFM, nasceu em Lodoselo, Diocese de Orense (Espanha), no dia 11 de agosto de 1953. Membro das Congregações para a Evangelização dos Povos e para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, participou dos Sínodos dos Bispos de 2005, de 2008 e de 2012. Participou também da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano de Aparecida no ano de 2007. Autor de numerosos artigos sobre a Vida Consagrada e Religiosa, sobre a Teologia Pastoral, sobre a Sagrada Escritura e sobre a espiritualidade franciscana. Fala as línguas espanhola, inglesa, francesa, italiana, portuguesa, galega, e conhece o latim, o grego bíblico e o hebraico bíblico.

O novo secretário expressa seus desejos à vida religiosa na poesia que segue abaixo.

*Sonhos de vida consagrada*

“Sonho uma vida consagrada na Europa  
que assuma o chamamento à minoria,  
quer do ponto de vida pessoal, quer do institucional.

Sonho uma vida consagrada na Europa  
que aposte na qualidade sobre a quantidade.

Sonho uma vida consagrada na Europa  
que assuma a missão de ser fermento, profecia e sinal,  
sentinela na muralha, trombeta ao amanhecer,  
vigilante na noite, farol na distância.

Sonho uma vida consagrada na Europa  
que privilegie o simbólico sobre a eficácia.

Sonho uma vida consagrada na Europa  
que anteponha a renovação profunda à sobrevivência,  
a refundação das pessoas à das estruturas.

Sonho uma vida consagrada na Europa  
mais próxima de Jesus e mais próxima dos homens,  
particularmente dos últimos.

Sonho uma vida consagrada na Europa  
apaixonada por Cristo e apaixonada pela humanidade.”

D. JOSÉ RODRÍGUEZ CARBALLO  
Secretário da CIVCSVA

## O diálogo inter-religioso no Vaticano II

colapso das ideologias tradicionais com o agudo relativismo de valores culturais e religiosos; de outro, o retorno a práticas religiosas tanto na perspectiva novidadeira da cultura atual, quanto de recuperação de um passado ultramontano. Há uma verdadeira batalha espiritual em nossos dias que mescla o sagrado com ideologias culturais, políticas e econômicas, o que faz das religiões parte dos problemas da globalização. Elas também sofrem da ambiguidade das sociedades globalizadas – favorecem a vida e a morte.<sup>1</sup>

Essa realidade acontece no contexto de mudanças que se sucedem ininterruptamente. Ante as mutações tão frequentes e tão profundas da sociedade, também as religiões vivem

Onde isso acontece, a religião descaracteriza-se em sua própria essência: ser portadora de paz e de vida para todos.

## 2. A Igreja Católica no contexto sociorreligioso plural

### a) A novidade conciliar na compreensão das religiões

Por séculos, a Igreja Católica desconsiderou qualquer possibilidade de valorizar as diferentes tradições religiosas. E como o diálogo supõe o reconhecimento da identidade e dos valores do outro, não se encontrava espaço de diálogo da Igreja com as religiões. Sua atitude era de negação, de intolerância e de exclusão. Afirmava-se que “nenhum dos que existem fora da Igreja Católica, não somente os pagãos, mas também os judeus ou heréticos, assim como os cismáticos, podem chegar a ser partícipes da vida eterna; pelo contrário, irão para o fogo eterno” (DH 1351).

Trata-se de uma afirmação corrente em muitos documentos magisteriais,<sup>2</sup> a máxima expressão do axioma *extra ecclesiam nulla salus*, com seus desdobramentos na eclesiologia, na espiritualidade, na doutrina e na metodologia missionária. Na verdade, não se trata apenas de uma posição da tradição católica. Semelhante postura encontra-se também nas tradições cristãs oriundas a partir do século XVI. O mundo cristão sempre teve dificuldades para relacionar-se com os não cristãos.

A mudança começa a ocorrer apenas a partir do século XX. Contribuíram para isso os resultados das pesquisas sobre as religiões na área da fenomenologia, da antropologia, da filosofia, da sociologia, da psicologia, entre outras, que influenciam a reflexão de muitos teólogos, os quais passam a reconhecer um significado positivo nas doutrinas, nos mitos, nos ritos, nos símbolos, na ética das religiões. Além disso, na “aldeia global” intensifica-se a interação entre os cristãos e os não cristãos, de modo que o conhecimento experiencial quebra tabus e elimina preconceitos mútuos. Inicialmente, a positividade das religiões era afirmada pelo entendimento de serem “caminhos para o cristianismo”.<sup>3</sup> Esse entendimento, não obstante suas fragilidades e limites,

2. A título de exemplo, ver a Bula *Unam Sanctam*, publicada pelo Papa Bonifácio VIII, em 1302.

3. Tal é o que se constata nos trabalhos de missionários na Índia, como J. N. FARQUHAR. *The Crown of Hinduism*. London: Oxford University Press, 1915; P. JOHANNIS. *Vers Le Christ par Le Vedānta*, Catholic Press, Ranchi, 1938.

abre caminhos para a elaboração da teologia das religiões, que vai da timidez da proposta da “teologia do acabamento” à afirmação corajosa da “presença de Cristo nas religiões”. Essas correntes tem em comum o fato de afirmarem a salvação de todo ser humano em Cristo, superando o axioma *extra ecclesiam nulla salus*. Diferem na valoração dada às religiões enquanto tal. A primeira corrente vê as religiões necessitadas do cristianismo para “acabar/completar” suas aspirações; e a segunda dá um salto de qualidade ao afirmar que Cristo salva agindo *nas* tradições religiosas – tese que ficou conhecida como “inclusivismo salvífico”. Uma terceira corrente vai ainda além, afirmando que as religiões têm valor salvífico “em/por si mesmas”, independentes de Cristo<sup>4</sup> – corrente essa que não encontra abrigo na teologia católica.

O trabalho dos teólogos ganha espaço nas instâncias eclesiais, servindo de base para a elaboração dos documentos conciliares que tratam da relação da Igreja Católica com as religiões (Declarações *Nostra aetate* [NA] e *Dignitatis humanae* [DH]), e inspirando outros documentos do Concílio (ex. LG 16; GS 22; AG 3,7-9,11). O esquema inicial da NA a propunha apenas como um capítulo do decreto sobre o ecumenismo, tratando unicamente da relação entre cristãos e judeus.<sup>5</sup> O debate foi ampliado com a contribuição de padres conciliares que atuavam em regiões com população de maioria não cristã. Outros fatores como a criação do *Secretariado para os não cristãos* (Paulo VI, 1964); a publicação da encíclica *Ecclesiam suam*, que ressalta o valor do diálogo; a visita do Papa Paulo VI à Índia e o encontro com os líderes religiosos do país (1964),<sup>6</sup> influenciaram para que o Concílio fizesse um documento tratando da relação dos cristãos católicos com as religiões no geral. Assim, a NA mostra a compreensão que a Igreja tem das demais religiões, partindo das religiões em geral, tratando depois do hinduísmo, do budismo e de outras “ligadas com o progresso da cultura” (NA 2), o islamismo (NA 3) e por fim o hebraísmo (NA 4).

### b) Três pilares da nova compreensão das religiões

A relação do Vaticano II para com as religiões assenta-se em três principais pilares:

4. É a tese do “pluralismo salvífico”, cujo principal expoente é o anglicano J. HICK (cf. *A metáfora do Deus encarnado*. Petrópolis: Vozes, 2000).

5. Veja o histórico da formação desse documento em E. WOLFF, *Unitatis redintegratio, Nostra aetate, Dignitatis humanae*. São Paulo: Paulinas, 2012.

6. Ver o discurso do Papa publicado na AAS 57 (1965) 132-133.

1) A definitiva superação do axioma *extra ecclesiam nulla salus*. Afirmando o desígnio salvífico universal de Deus (At 2,12; 1Tm 2,3-5), diz o Concílio que Deus conduz os que sem culpa ignoram o Evangelho à fé, sem a qual é impossível agradá-lo (AG 7). Entende o Vaticano II que Deus “decretou elevar os homens à participação da sua vida divina” (LG 2), o que acontece pela união *de todos* com Cristo (LG 3). E “aqueles que ignoram sem culpa o Evangelho de Cristo e a sua Igreja, mas buscam a Deus na sinceridade do coração e se esforçam, sob a ação da graça, por cumprir na vida a sua vontade, conhecida através dos ditames da consciência, também esses podem alcançar a salvação eterna” (LG 16). De fato, sendo todos chamados pela graça de Deus à salvação (LG 13), “Deus cuidou continuamente do gênero humano, para dar a vida eterna a todos aqueles que, perseverando na prática das boas obras, procuram a salvação (cf. Rm 2,6-7)”. Pois no coração de todas as pessoas opera a graça divina: “Cristo, de fato, morreu por todos e a vocação última do homem é efetivamente uma só, a divina; por isso devemos afirmar que o Espírito Santo dá a todos a possibilidade de serem associados ao mistério pascal, nos modos que só Deus conhece” (GS 22).

2) O segundo pilar da novidade do Concílio é que ele não trata positivamente apenas dos “membros” das demais religiões como indivíduos, mas refere-se também às *religiões enquanto tal* (!). Uma vez que “a Igreja examina atentamente a natureza das suas relações com as religiões não cristãs” (NA 1), ela “não rejeita nada que seja verdadeiro e santo nestas religiões” (NA 2). Os padres conciliares reconhecem agora que a graça salvífica atua para além dos confins da Igreja e do próprio cristianismo. O Vaticano II não afirma explicitamente que as religiões são “caminhos” de salvação para seus membros, mas dá condições para entender que a ação do Verbo e do seu Espírito não acontece apenas no coração das pessoas, mas também através dos *elementos objetivos* de suas tradições religiosas, seus ritos, símbolos, líderes, doutrinas (cf. LG 16-17; AG 3,7-9,11; NA 2). Fundamental é verificar o que há de “verdadeiro” e “santo”

nesses elementos. Por eles o Espírito de Deus pode chegar às pessoas. “Verdadeiro” aqui não diz respeito apenas a um conteúdo doutrinal, mas refere-se a algo presente na profundidade do ser da pessoa, na sua interioridade e sua consciência – a graça. Verdade e santidade são manifestações do divino. E à medida que as religiões expressam verdade e santidade, elas são por Deus mesmo incorporadas no único plano salvífico. Daqui temos a novidade corajosa do ensino do magistério pós-conciliar: os membros das religiões não são salvos por Cristo “fora” de suas próprias tradições, mas *nelas* e de alguma forma misteriosa *através delas* – eles res

inter-religioso. O que se quer é “promover a unidade e a caridade entre os homens, ou melhor, entre os povos”, examinando o que eles “tem de comum e o que os move a viverem juntos o próprio destino” (NA 1). Para tanto, faz-se necessário superar as divisões e promover relações amigáveis (NA 5).

A base para isso é o reconhecimento do que já há em comum nos diferentes povos: a mesma origem e o mesmo fim em Deus, que leva a todos a formarem uma só comunidade humana (NA 1). Ligados à origem e ao fim comuns, também as aspirações mais profundas de cada ser humano se assemelham, como a busca do sentido da vida, da felicidade, o mistério da dor e da morte. São questionamentos próprios da natureza humana, aos quais as religiões buscam responder (NA 1). E devem unir a todos nos esforços pelo respeito e compreensão mútua, na defesa e promoção da justiça social, dos valores morais, da paz e da liberdade (NA 3). As religiões dão, assim, uma contribuição para a solução dos problemas que afligem a humanidade, como os sofrimentos causados pelas guerras, pela fome, pelas injustiças sociais, pelas catástrofes naturais.

### 3. A concretização do ensino conciliar sobre as religiões

#### a) O diálogo inter-religioso

O que foi acima considerado é a base para que a Igreja Católica realize o diálogo com as diferentes tradições religiosas. “Diálogo” não é uma realidade tranquila na Igreja. Historicamente, a Igreja tem demonstrado dificuldades para um diálogo institucional, tanto *ad intra* quanto *ad extra*. As dificuldades *ad intra* devem-se à forma hierárquica da organização do poder na Igreja. Nesse nível, em muitos espaços o diálogo existe mais como possibilidade do que como fato. As dificuldades *ad extra* manifestam-se pelo distanciamento que a Igreja possui das realidades que a circundam no âmbito da sociedade. E aqui se situam as religiões.

Seja como for, o Vaticano II orienta os fiéis católicos ao diálogo com as religiões. Pede a eles que “... com prudência

e caridade, por meio do diálogo e da colaboração e sempre dando testemunho da fé e da vida cristã, reconheçam, conservem e façam progredir os bens espirituais, morais e os valores socioculturais que nelas se encontram” (NA 2). Esse diálogo “guiado apenas pelo amor pela verdade e com a necessária prudência, não exclui ninguém” (GS 92).

O Papa João Paulo II, falando aos cristãos católicos da Ásia, em 1981, afirmava que a Igreja “tem uma profunda necessidade de entrar em contato e em diálogo com todas estas religiões”.<sup>9</sup> E entendia que a *oração* era fundamental para isso, pois nela o Espírito atua sempre:

Por isso, todos os cristãos devem empenhar-se no diálogo com os fiéis de todas as religiões, de modo a fazer crescer a compreensão e a colaboração, para reforçar os valores morais, para que Deus seja louvado em toda a criação. É necessário desenvolver novos modos para que esse diálogo torne-se realidade em toda parte, mas especialmente na Ásia, continente que é o berço de antigas culturas e religiões.<sup>10</sup>

Mas o que é, de fato, *diálogo inter-religioso*? “Diálogo” é, acima de tudo, uma atitude de espírito, que disponibiliza a interioridade da pessoa para estar com o outro, compreendê-lo na sua verdade e possibilitar um intercâmbio de dons que enriquecem mutuamente. É importante distinguir o diálogo como “atitude ou espírito”, e o diálogo como “elemento da missão evangelizadora” da Igreja. O primeiro, o *espírito de diálogo*, indica “uma atitude de respeito e de amizade, que penetra ou deveria penetrar em todas as atividades que constituem a missão evangelizadora da Igreja” (DA 9). O segundo, como *elemento específico, integrante da evangelização*, “diálogo”, indica o “conjunto de relações inter-religiosas, positivas e construtivas, com pessoas e comunidades de outras fés para um conhecimento mútuo e um enriquecimento recíproco” (DM 3), na obediência à verdade e no respeito da liberdade. Isto inclui seja o testemunho, seja a descoberta das respectivas convicções religiosas (DA 9).<sup>11</sup>

9. Discurso na Rádio Veritas, Manila. Insegnamenti di Giovanni Paolo II. Libreria Editrice Vaticana, 1981. vol. IV/1. 452-460.

10. Ibid., 455.

11. Ver também: DUPUIS, J. *Verso una teologia cristiana del pluralismo religioso*. Queriniana, 1997. 483.

Três elementos merecem consideração:

- 1) A *natureza e razão* profundas do diálogo não são de caráter sociológico ou antropológico, mas teológico. A Igreja não realiza o diálogo inter-religioso apenas motivada por fatores circunstanciais, como a necessidade da cooperação em projetos sociais. O ponto de partida para o diálogo com as religiões é o reconhecimento do Espírito agindo no coração de cada pessoa. Isso mostra que “há um só desígnio divino para cada ser humano que vem a este mundo (cf. Jo 1,9)”.<sup>12</sup> Toda a humanidade vive assim o mistério de uma unidade universal, tendo a mesma origem e o mesmo fim (NA 1), e, por isso, “A universal unidade fundada sobre o evento da criação e da redenção não pode não deixar um rastro na realidade viva dos homens, também pertencentes a religiões diversas”.<sup>13</sup> Ciente disso, a Igreja entende que precisa realizar um “diálogo de salvação” com todas as pessoas, da mesma forma que Deus com elas se comunica: “Nesse diálogo de salvação, os cristãos e os demais são chamados a colaborar com o Espírito do Senhor Ressuscitado, Espírito que é presente e age universalmente” (DA 40).
- 2) Os *objetivos* do diálogo inter-religioso não visam apenas a uma relação amigável entre as religiões e a cooperação por um mundo melhor. O objetivo maior é “aprofundar o próprio compromisso religioso e a responder, com crescente sinceridade, ao apelo pessoal de Deus e ao dom gratuito que ele faz de si mesmo, dom que passa sempre, como o proclama a nossa fé, através da mediação de Jesus Cristo e a obra do seu Espírito” (DA 40). O diálogo visa, portanto, a “uma conversão mais profunda de todos para Deus” (DA 41). Partilhando esse objetivo fundamental, as religiões podem melhor cooperar em projetos de ação social.
- 3) As *formas do diálogo*: o diálogo, como realidade dinâmica e situado nos diferentes contextos, possui quatro principais formas: o *diálogo da vida*, no qual todos têm condições de participar; o diálogo como *cooperação social* pela afirmação da justiça, da paz, da dignidade humana; o diálogo

12. Discurso de João Paulo II na Cúria Romana, aos 22/12/1986. Insegnamenti di Giovanni Paolo II. Libreria Editrice Vaticana, 1986. vol. IX/2, 2019-2030; aqui 2024. In: DUPUIS, J. Verso una teologia..., 485.

13. Discurso de João Paulo II na Cúria Romana, aos 22/12/1986, n. 7.

*intelectual* pelo intercâmbio dos ensinamentos religiosos; e o diálogo *espiritual* com o intercâmbio das experiências religiosas de oração, contemplação, busca do Absoluto.<sup>14</sup>

#### b) A cooperação inter-religiosa

O Vaticano II orienta para que os fiéis católicos realizem projetos de ação social em parceria com membros de outras religiões. De fato, as questões relativas à promoção da paz, à liberdade, à justiça social, à afirmação da dignidade do ser humano, à defesa de todas as formas de vida existentes no planeta..., são questões que dizem respeito a todas as religiões. Particularmente significativa é a ação a favor do diálogo que promove relações de paz entre os povos e as culturas. As religiões precisam aparecer ao mundo como instrumentos/caminhos de paz. Pacificam o mundo na medida em que vivem a paz entre si. Como afirmou H. Kung, a paz entre as religiões e a paz no mundo estão estreitamente ligadas.<sup>15</sup>

Contudo, são frágeis as iniciativas de cooperação inter-religiosa em ações sociais. Em termos de Brasil, não se conhece nenhum projeto de ação social de líderes de diferentes religiões que produzam efeitos reais nas lutas sociais a favor da justiça, do fim da miséria e da fome, na defesa do meio ambiente... Há iniciativas inter-religiosas para isso, mas tímidas. A tendência das religiões que atuam nesses campos é fazê-lo isoladamente, sem sequer conhecer os projetos de ação social desenvolvidos por outras religiões. A Pastoral da Criança, nascida na Igreja Católica, realizou dois encontros entre cristãos católicos e fiéis muçulmanos (Foz do Iguaçu, 2012, e Curitiba, 2013). Mas são eventos celebrativos, ainda não suficientes para envolver as lideranças das duas tradições em projetos de ação comum, nem incidem, por ora, de modo significativo nas relações entre o cristianismo e o islamismo no Brasil. Outra iniciativa em âmbito nacional foi a criação, em 2013, do Comitê Nacional de Diversidade Religiosa. Mas trata-se de uma iniciativa da Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência da República, que não conta com a presença oficial das religiões. Os objetivos do Comitê – superar os preconceitos e a discriminação por motivos religiosos, bem como garantir a liberdade religiosa

14. SECRETARIADO PARA OS NÃO CRISTÃOS. Diálogo e missão. Boletim n. 59; 20 (1985)/2, 164-171.

15. KUNG, H. *Projeto de ética mundial*. São Paulo: Paulinas, 1998.

no Brasil – são louváveis, mas há que se esperar o início de seus trabalhos para que possa ser analisado o alcance de suas atividades. Outro projeto que está em andamento é o da formação de um Conselho Nacional de Religiões do Brasil – CONAREL, uma iniciativa de diferentes líderes religiosos. Também aqui há que se esperar, ainda, a agenda de programa desse Conselho, para avaliar sua possível contribuição para as relações inter-religiosas no Brasil.

O fato é que as religiões, no conjunto, ainda não conseguiram ajudar a sociedade a viver valores como a justiça, a paz, a compaixão, a solidariedade, a fraternidade, o amor. E cada vez mais elas se fragilizam em seus propósitos de apresentar esses valores à sociedade, entre outros fatores, por não conseguirem apresentá-los juntas.

### c) Diálogo e missão

Uma questão que exige urgente resposta é sobre a relação entre diálogo e missão. A orientação da Igreja sobre o diálogo inter-religioso revoga o mandato missionário de Cristo? Será o diálogo um elemento fragilizador da convicção missionária da Igreja? Como entender que missão e diálogo não se excluem, mas se exigem mutuamente para a eficácia do testemunho e da pregação do Evangelho?

Essas questões são frequentemente consideradas pela Igreja e pela missiologia atual. O documento já citado, *Diálogo e Missão*, entende a missão da Igreja como um processo constituído por: presença e testemunho, serviço de promoção humana, vida litúrgica/espiritual, diálogo e anúncio/catequese. Nesse contexto, é necessário o diálogo. Ele é, de um lado, distinto da ação evangelizadora da Igreja; de outro lado, é “uma atitude e um espírito” e, por isso, “a norma e o estilo necessário de toda a missão cristã”. O Papa João Paulo II frisou que toda ação evangelizadora deve ser, pois, “permeada pelo diálogo”.<sup>16</sup> O mesmo Papa retoma a questão na encíclica *Redemptoris Missio*,<sup>17</sup> afirmando que o diálogo inter-religioso “faz parte da missão evangelizadora da Igreja” (n. 55); é uma das expressões da missão e um caminho para o Reino (n. 57). São dois elementos distintos, mas não se contrapõem (n. 55), e o diálogo não pode ser

16. Discurso na Radio Veritas, Manila. Insegnamenti di Giovanni Paolo II..., 19.29.

17. JOÃO PAULO II. *Redemptoris Missio*. São Paulo: Paulinas, 1990.

*instrumentalizado* em função da evangelização; não é apenas “meio” da missão, mas é também “conteúdo” desta.

Na mesma direção segue o documento *Diálogo e Anúncio*: “O diálogo inter-religioso e o anúncio, embora não no mesmo nível, são ambos elementos autênticos da missão evangelizadora da Igreja. São ambos legítimos e necessários” (DA 77).

A chave para relacionar corretamente diálogo e evangelização é a sensibilidade às circunstâncias específicas da missão, atendendo aos “‘sinais dos tempos’ pelo qual o Espírito de Deus fala à Igreja, e discernimento” (DA 78). Uma vez mais se afirma que o anúncio e o diálogo são “dois caminhos para cumprir a única missão da Igreja” (DA 82).

Não obstante o entendimento do diálogo como constitutivo da missão, ele não se identifica e nem substitui a missão: “... o diálogo... não constitui a inteira missão da Igreja, que não pode simplesmente substituir o anúncio, mas permanece orientado para o anúncio enquanto nele o processo dinâmico da missão evangelizadora da Igreja alcança o seu cume e a sua plenitude” (DA 82). Pois sendo a Igreja “sacramento universal de salvação” (LG 1 48), ela é inseparável do Reino de Deus, e ambos da pessoa e ação de Cristo (DA 34). Nesse sentido, também os membros das diversas religiões são ordenados à Igreja (LG 16), como sacramento do Reino (DA 35).

O acento é mais sobre o anúncio do que sobre o diálogo, como chamado a todas as pessoas a participarem do Reino já “presente em mistério” na Igreja. Tal é o próprio e específico da ação missionária da Igreja (RM 34). A prioridade do anúncio como “lugar central e insubstituível” (RM 44) na Igreja permite entender que o diálogo “permanece orientado para o anúncio enquanto nele o processo dinâmico da missão evangelizadora da Igreja atinge o seu cume e sua plenitude” (DA 82). O risco do eclesiocentrismo é claro (RM 48). Daí a importância de fortalecer o diálogo que possibilita o cristocentrismo na perspectiva reinocêntrica (DM13; DA 8.82). Embora nos documentos citados o anúncio tenha precedência, é fundamental observar que

o diálogo inter-religioso é “a única maneira de render sincero testemunho a Cristo e generoso serviço ao homem” (RM 57).

## 4. A partir do Concílio Vaticano II

### 4.1 Afinal, o que é “religião”?

#### a) Distinções conceituais

A compreensão do termo “religião” apresenta dificuldades devido à complexidade e multiplicidade de formas e conteúdos historicamente construídos nas diversas civilizações. Esse conceito, de matriz latina, tem sido considerado apto para a tradição cultural e religiosa do Ocidente. Suas raízes etimológicas encontram-se em conceitos como *religio*, *relegere*, *religare*.<sup>18</sup> Mas ele é estranho à linguagem de muitas culturas na história da humanidade. É um desafio encontrar elementos nas diferentes tradições espirituais dos diferentes povos que mostrem o significado equivalente ao que em algumas regiões se designa “religião”.<sup>19</sup> Além disso, o termo “religião” está vinculado a outros conceitos, igualmente complexos, como crença, rito, sagrado, Deus, sobrenatural, espírito, oração, mística... e o horizonte semântico desses conceitos configura-se em torno do universo de significado atribuído a “religião”.

#### b) A perspectiva antropológica

O leitor poderá buscar outros estudos que aprofundem a compreensão do fenômeno religioso. Aqui, interessa-nos a compreensão da *situação religiosa do ser humano*. A compreendemos como a orientação para a realidade última da existência. Isso significa um modo de ser originário da pessoa, seu elemento constitutivo, que prescinde de escolhas. Mesmo correndo o risco de generalizações, mas buscando evitar arbitrariedades, apresentamos alguns elementos que, a nosso ver, explicitam o significado do termo “religião”.

O conceito “religião” designa, em geral, um sistema de crenças, mitos, símbolos, ritos e doutrinas. Mas, antes disso, porém, religião é uma realidade antropológica que expressa

18. No Ocidente, o termo *religio* significava, originalmente, um estilo de comportamento marcado pela rigidez e precisão. Agostinho (séc. IV) o entende derivado de *religere*, entendido no sentido de “reeleger”, isto é: retorno a Deus; escolher de novo a Deus (*De Civitate Dei*, Livro X, parágrafo III). Nos tempos de Tomás de Aquino, o termo já significava “relação com Deus”.

19. Verifica-se na história das religiões que algumas expressam a auto-compreensão com termos ligados ao conceito de “caminho”. Assim é nos evangelhos, onde o conceito religião não aparece, mas Jesus se autodefine como “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). No hinduísmo antigo, a palavra *rita* designa, sobretudo, a correta execução dos ritos

as condições-limite existenciais do ser humano e busca de superação desses limites. A sistematização doutrinal e organização ritual vem num segundo momento. Toda experiência religiosa funda-se nas experiências concretas da existência humana. A experiência da pertença à coletividade humana e experiência da própria individualidade, a subjetividade e a intersubjetividade relacional; as experiências das necessidades físicas, psíquicas e socioculturais; a experiência da fragmentação, da finitude, da carência de sentido; a experiência da harmonia e da paz interior, das relações gratificantes, do significado dos acontecimentos; a experiência do amor, da confiança, das vitórias conquistadas..., são experiências especificamente humanas que podem ganhar um sentido religioso em alguma etapa da vida de cada pessoa.

Isso acontece quando o ser humano percebe-se dimensionado ao infinito, à totalidade. Busca, então, superar as situações-limite de uma forma *u-tópica*, numa outra dimensão e outra forma das experiências vivenciadas no cotidiano. É uma dimensão de transcendência a tudo o que implica finitude. Não nega o finito, mas o estende ao infinito pelo ato de crer em “algo mais”. Emerge, assim, a concepção do Mistério como sagrado e a relação das situações existenciais com o sagrado. As necessidades psíquicas, socioculturais e até mesmo físicas são supridas numa instância supra-humana, por forças que extrapolam as possibilidades naturais. Assim são as curas, a paz interior, os milagres. Surgem então os mitos, símbolos e ritos pelos quais a pessoa passa a relacionar-se de formas específicas com o que ele crê sobre-humano. O *humanum* torna-se *religiosus*, pois “a experiência religiosa dá-se na experiência geral; elas podem ser diferenciadas, mas não separadas”.<sup>20</sup>

Assim surgem os deuses. Da consciência da dimensão transcendental da própria imanência existencial, a pessoa concebe uma ou várias divindades que é tanto origem e fim, criador e salvador de tudo o que existe. Assim é Zeus na Grécia, Júpiter em Roma, Varuna na Índia, Thor na Escandinávia... “A partir do *Dyaus pitar* (= *Deus pater*) sânscrito, considerado o mais antigo, surge uma divindade comum

realizados pelos brâmanes, e mais tarde o dharma, como lei divina e eterna – no budismo equivale a lei salvífica para todos. Na Mesopotâmia, o termo *gischar* indicava a regra material e moral do mundo. No Egito antigo, utilizava-se a palavra *maat* para mostrar a doutrina fundamental, a ordem, a essência da existência, a justiça (FILORAMO, G.; PRANDI, C. *As ciências das religiões*, 255).

20. CROATTO, J. S. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 51.

denominada como Céu-pai.”<sup>21</sup> Com as múltiplas variações no universo semântico da realidade transcendente, a experiência religiosa a concebe como Realidade Última, o Outro Absoluto, a Energia Cósmica, um Ser Supremo, sempre numa compreensão de que se trata de algo/algum “santo”, “sagrado”, separado do mundo. Também se designa essa realidade como *Deus*.

Surgem então dois âmbitos relacionados, mas diferentes: o âmbito dos seres humanos e o âmbito dos deuses. Enquanto o âmbito humano é “profano”, o âmbito divino é “sagrado/santo” – separado/reservado. Esses dois âmbitos estão frequentemente em tensão, um interferindo no outro, tensão essa apaziguada por meio de ritos que a pessoa realiza para bem relacionar-se com o âmbito do sagrado e dele obter o “mais” que sua humanidade necessita. R. Otto identifica quatro momentos dessa relação: a consciência de criatura e dependência; o respeito máximo, como experiência do *tremendum*; o sagrado como o totalmente Outro – *Mysterium*; o Mistério como *fascinans*, atração, causa da felicidade e realização das satisfações humanas.<sup>22</sup>

Assim, com a concepção do divino, a experiência religiosa coloca a pessoa diante de um ser ou objeto extraordinário, revestido de poder total. A vida humana passa a depender dessa força transcendente, descoberta em algo ou alguém, o que o torna sagrado. Essa experiência está na base de toda tradição religiosa, com as específicas variações de linguagem e de organização.

Religião é, portanto, uma experiência humana. É uma concepção específica da vida humana e de toda realidade que a envolve, expressa numa linguagem peculiar que mostra as situações de imanência e desejo de transcendência do humano. Nesse processo cada pessoa busca responder às questões mais profundas da existência.

### c) A perspectiva teológica

O fato religioso é, como visto, fato *humanum*/antropológico, mas também fato *theologicum*, simultaneamente. E é no horizonte teológico que ele tem sua mais ampla compreensão. Como realidade teológica, a religião diz respeito mais à

21. Ibid., p. 51.

22. OTTO, R. O *Sagrado*. Imprensa Metodista, 1985.

compreensão sobre como acontece a ação divina em relação ao ser humano, do que do humano em relação ao divino. Religião é hierofania, manifestação do sagrado. E isso na experiência humana, de modo que toda religião é vivida historicamente. Mas a história religiosa é já um fato segundo, no sentido de ser elaboração de algo vivido primordialmente: o toque do divino que atrai o ser humano para si. Se há uma busca humana por Deus, é porque Deus criou essa disposição no interior das pessoas. Agostinho mostra isso ao falar do coração inquieto.<sup>23</sup> Tomás de Aquino fala do *desejo* de Deus, que ele mesmo coloca no mais recôndito do ser de toda pessoa.<sup>24</sup> O humano é *naturaliter religiosus*. Para Tertuliano a alma humana é *naturaliter christiana*<sup>25</sup> – porque marcada pela graça de Cristo desde sua concepção. K. Rhaner concebe o ser humano como “existencial sobrenatural”.<sup>26</sup>

O fato é que a pessoa vivencia o transcendente, mas não tem a iniciativa dessa experiência. “O *homoreligiosus* é sujeito da experiência do Mistério, mas não é sujeito em relação ao Mistério.”<sup>27</sup> O Mistério é uma realidade metalógica, para além do pensado.

### d) Muitas religiões, uma só história da salvação

A história da humanidade confunde-se com a história das religiões. O sentido da vida humana é sua crença, vive-se *o que* e *como* se acredita em algo ou em alguém. A religião é história, como fato antropológico e teológico. Nessa história acontece a salvação ou perdição, como realização ou frustração existencial da humanidade.

A compreensão cristã da história é eminentemente positiva, ela encaminha-se para um fim, o Reino. É na história que Deus se manifesta, pelo acontecimento da encarnação do Verbo e a ação do Espírito. E é identificando e vivendo os “sinais do Reino” na história que acontece o processo salvífico universal, do qual ninguém está excluído. Estar fora da história é estar fora do caminho salvífico: *extra historia nulla sallus*.

Na história universal da salvação, identificam-se quatro etapas/alianças de Deus com a humanidade: a aliança estabelecida em Adão; a aliança com Noé (Gn 9,1-17); a aliança

23. AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1997.

24. Como bem o demonstrou Henri DE LUBAC, em *Surnaturel: etudes historiques*. Paris, 1946; *Le mystère du surnaturel*. Paris, 1965.

25. TERTULIANO. *Apol.*, 17,6.

26. RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulinas, 1989.

27. CROATTO, J. S. *As linguagens da experiência religiosa*, cit., p. 63.

com Abraão e Moisés; e a aliança com Jesus Cristo.<sup>28</sup> As primeiras foram por muito tempo entendidas como “religião natural”, isto é, apenas expressões culturais da aspiração humana pelo divino. Somente as duas últimas etapas seriam “religião sobrenatural”, expressão da intervenção de Deus na história. Também se afirma que as primeiras etapas formam uma “história geral” de salvação e a quarta a “história particular” de salvação.

Na teologia cristã atual, entende-se que o que há de “particular” não é “outra” história de salvação, “fora” da universal. É a *única* história salvífica, universal, mediada na particularidade de Jesus Cristo. Essa mediação atinge o centro da história universal e a impregna com a sua força e a sua graça salvífica. A história universal de salvação não se limita em sua particularidade, mas faz desta a sua característica e condição salvífica para todos os povos. O evento Cristo não é um fato cronológico, mas teológico, decisivo para a história de todos os povos.

As tradições religiosas, como elementos constituintes da história da humanidade, estão inseridas na história universal de salvação. Os elementos históricos que dão valor e enriquecem qualitativamente a vida humana são por Deus utilizados como meios para que a história alcance o seu fim. São *semina Verbi* presente nas tradições da humanidade. Aqui entra o papel das religiões. Elas podem expressar o cultivo, nas condições socioculturais de cada contexto, das *semina Verbi*. Mais, expressam, nessas mesmas condições, o diálogo de Deus com os povos. A ação de Deus estende-se desde a criação até a parúsia. Atinge, portanto, a totalidade da história humana e, sendo salvífica, mostra que a história da salvação é universal. Se há um único Deus, origem e fim de tudo o que existe (NA 1), há também uma única história de salvação, que atinge todos os povos com suas tradições culturais e religiosas.

Supera-se, assim, a concepção de religião como fenômeno apenas cultural, envolvido numa forma mística de a pessoa entender o sentido dos acontecimentos da história e de orientar sua vida para um fim último. Das grandes tradições

28. IRINEU. Adv. Haer. 3,11,8; Source chrétiennes, 211, 169-171. In: DUPUIS, J. *Jesucristo al encuentro de las religiones*. Madrid: Paulinas, 1989. p. 162.

religiosas da humanidade, nenhuma é apenas religião natural. Em todas há algo de sobre-humano, como afirma o Vaticano II: “... esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas... não raro refletem um raio daquela Verdade que ilumina todos os homens” (NA 2). Assim, já nas religiões das duas primeiras etapas existe “uma intervenção pessoal e universal de Deus na história das nações, com anterioridade à aliança do povo eleito. As tradições religiosas da humanidade são testemunhas escolhidas desta aliança em Noé com as nações”.<sup>29</sup>

#### 4.2. Toda religião tem valor perene?

A teologia cristã entende as tradições religiosas anteriores ao cristianismo, sobretudo as da segunda e da terceira etapas, como *preparatio evangelica*. Elas não são apenas “pré” cristãs, mas “pró” cristãs, inseridas no conjunto da história da salvação que tem Cristo como centro. Isso não significa afirmar que estão todas em pé de igualdade. Há diferentes níveis de relação das tradições religiosas com a fé cristã, estando a etapa de Abraão/Moisés, ou seja, o judaísmo, numa relação direta com o evento Cristo, enquanto as demais teriam uma relação indireta. O fato de não terem todas as religiões a mesma relação com o acontecimento salvífico Jesus Cristo, as distingue qualitativamente.<sup>30</sup>

Não se pode afirmar que as tradições religiosas “pró-cristãs” tenham um valor apenas provisório, ou que perderam sua vigência após o evento Cristo. Elas não são destituídas de seu valor, pois “representam autênticas intervenções pessoais de Deus na história das nações, orientando-as para a intervenção decisiva de Deus em Jesus Cristo”.<sup>31</sup> O Concílio de Florença (1442) teve dificuldades para compreender isso, como mostra o decreto para os jacobitas, sobretudo a respeito do judaísmo (*Bulla “Cantate Domino”* – DH 1348). Nessa mesma linha de raciocínio, estão os teólogos da “teologia do acabamento”, que entendem ser o cristianismo a religião que vem “completar/acabar” o caminho de realização/salvação que as religiões precedentes apenas indicam, mas não conseguem percorrer. Elas deixariam de ter valor após o

29. DUPUIS, J. *Jesucristo al encuentro de las religiones*, cit., p. 162.

30. Ibid., p. 164.

31. Ibid., p. 165.

evento Cristo. Nada mais seriam que “religiões naturais”, expressando a aspiração inata do ser humano para Deus nas diferentes culturas da humanidade (K. Barth, J. Danielou, H. De Lubac, H. Urs Von Balthasar).

Postura diferente é representada na corrente teológica que afirma “a presença de Cristo nas religiões”. As diversas religiões podem representar intervenções de Deus na vida dos povos no horizonte da história da salvação. São alguma forma de mediação da ação salvífica de Deus na vida das pessoas. E assim sendo:

[...] as tradições religiosas mantêm o significado positivo que Deus lhes deu na história da salvação. Longe de desaparecerem como efêmeras e provisórias, conservam o valor... que lhes confere sua orientação providencial para o acontecimento universal da salvação. Seguem sendo *adarajas*, não colocadas pelos homens, mas por Deus mesmo em vista da vinda de Jesus Cristo. A salvação está presente, portanto, antes e depois da vinda de Cristo, nas tradições religiosas da humanidade.<sup>32</sup>

Como conclusão, as religiões não têm um valor provisório, pois não são algo puramente “natural/cultural” ou apenas humano. Uma vez que nelas há alguma expressão/revelação da ação divina para quem observa seus preceitos, todas têm alguma dimensão sobrenatural. E por isso possuem vigência constante no plano salvífico universal de Deus.

### **À guisa de conclusão: “Sobre religião não se conversa?”**

Quais as consequências para a vida da Igreja da nova compreensão das religiões que o Vaticano II apresenta? Qual a incidência do princípio dialógico nas estruturas, doutrinas e instituições eclesiais? Conseguem essas estruturas, instituições e doutrinas desenvolver relações positivas com outras tradições religiosas? É o diálogo um elemento estruturante da configuração eclesial? Em que medida as orientações a favor do diálogo inter-religioso são observadas nas comunidades dos cristãos católicos e no agir pastoral dos seus ministros?

32. Ibid., p. 171.

Há dois principais níveis do diálogo inter-religioso: no nível *pessoal*, cada cristão católico pode criar iniciativas de diálogo ou engajar-se nas iniciativas propostas por pessoas ou organismos que promovem o diálogo. Trata-se de um diálogo autônomo, feito por membros das religiões, mas que não responsabiliza diretamente as instituições religiosas. No nível *institucional*, o diálogo acontece como iniciativa das próprias religiões e envolve suas lideranças oficiais ou representantes.

Constata-se que em ambos os níveis o diálogo inter-religioso é extremamente tímido. São poucas as pessoas realmente dispostas a aproximarem-se dos membros de outras tradições religiosas com o intuito de desenvolver um intercâmbio que possibilite conhecimento e enriquecimento mútuos. Vigoram, ainda, posturas de preconceito, discriminação, intolerância e distanciamento entre pessoas de religiões diferentes. Mesmo afirmando princípios democráticos, de respeito e de convivência social, sente-se certo desconforto quando o assunto é religião. O lema “sobre religião não se conversa” mostra a pouca vontade para dialogar com quem é de outra religião. E não se quer dialogar porque não se sabe o *porquê* e *como* dialogar. Para evitar a tensão, o melhor é nem começar a conversa.

Isso mostra o despreparo para o encontro enriquecedor entre membros de religiões diferentes. Mostra também que as orientações da Igreja são desconhecidas ou ignoradas pelos fiéis católicos, não criam convicções que lhes sustente num diálogo sincero e num intercâmbio enriquecedor no contexto do pluralismo religioso.

Essa postura não raro tenta justificar-se pelo temor de que o diálogo inter-religioso possa fragilizar e/ou relativizar as convicções religiosas dos crentes católicos. É possível que isso aconteça, mas apenas quando não se tem o devido preparo para o diálogo. Os questionamentos são inevitáveis. Mas, ao invés de evitar o diálogo pelo despreparo, dever-se-ia intensificar o processo de recepção do Vaticano II, incentivando os fiéis católicos para que, “com prudência e caridade” (NA 2), promovam e participem de encontros

inter-religiosos. “Prudência” diz respeito ao modo do diálogo e “caridade” ao seu conteúdo. Quando esses dois elementos se manifestam, não há o que temer... Então, sobre religião se conversa, sim, senhor!

### Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. O que é religião? O que é, de fato, diálogo inter-religioso?
2. Como entender que missão e diálogo não se excluem, mas se exigem mutuamente para a eficácia do testemunho e da pregação do Evangelho?
3. Em que medida as orientações a favor do diálogo inter-religioso são observadas nas comunidades dos cristãos católicos e no agir pastoral dos seus ministros?

## A Vida Consagrada Religiosa e a aventura da fé

MARIA ABRÃO

Dispor-se à nova evangelização é projeto antigo e sempre novo. Desde os seus primórdios, a comunidade dos que creem, ainda incipientes, se reconhece na mesma confissão de fé e na urgência do anúncio do Ressuscitado. Anúncio que atravessou os séculos e abriu, no cerne mesmo da nova configuração de um grupo, diferentes expressões de viver a radicalidade do consentimento à fé.

Bento XVI, referindo-se à fé no início de sua carta apostólica,<sup>1</sup> serve-se de uma metáfora utilizada em Atos dos Apóstolos: “À chegada, eles reuniram a Igreja e contaram tudo o que Deus realizara com eles, e sobretudo como tinha aberto aos pagãos a porta da fé”. A porta remete à ideia de circulação que, por sua vez, remete à ideia de liberdade. Entrar por ela, lembra-nos ainda, é ser introduzido na vida de comunidade com Deus e, ao mesmo tempo, ser convidado a entrar na comunidade dos que passaram pela mesma porta, isto é, a comunidade dos que creem: a Igreja.

Da pluralidade de expressões da comunidade eclesial, emerge, como bem o sabemos, a Vida Consagrada Religiosa. A singularidade dessa expressão requer inventividade para dar corpo, de maneira evangélica, à surpreendente resposta de fé do homem ao seu Senhor. Viver a fé na perspectiva de uma mesma intuição fundadora desafia duplamente homens e mulheres cujas vidas já não podem mais ser definidas sem a referência a Jesus. Jesus Cristo conhecido, contemplado, amado. Mas nunca definitivamente. Mistério por excelência de uma relação que escapa a todo desejo de possessão.

Falar da fé, para um cristão, é falar do eixo em torno do qual a sua vida está ordenada. *A fortiori*, para a VCR é

\* **Irmã Maria Abrão**, Irmã de Santo André (RSA), é doutora em teologia e, atualmente, professora na Universidade Católica de Pernambuco, em Recife. **Endereço da autora:** Rua Capitão Rebelinho, 600, apto 1702, Edifício Maria Laura. Pina, Recife (PE), CEP 51011-010.

1. Carta Apostólica sob forma de “Motu Proprio” *Porta Fidei*, do Sumo Pontífice Bento XVI, com a qual se proclama o ano da fé. São Paulo: Paulinas, 2012.

falar do caráter teologal que a funda. Por essa razão, faz-se necessário ultrapassar o terreno das evidências e fazer uma anamnese do lugar da fé e da sua articulação com a VCR.

Dois elementos permitem, segundo Bento XVI, cruzar o limiar: o anúncio da Palavra de Deus e a abertura do coração que “se deixa plasmar pela graça que transforma”. Tarefa e graça recebidas na perspectiva da fé.

Na Carta aos Romanos, Paulo lembra que a fé vem da pregação e a pregação é a palavra de Cristo. Tendo atravessado a porta e descobrindo aquele que o espera no horizonte que lhe é aberto, o homem é chamado, por sua vez, a proclamá-lo. Deus se confia a nós. Confia-nos sua palavra.

Poderíamos recebê-la guardando-a ciosamente em nossos corações, como um segredo para iniciados? O que supõe a fé? Ao amor de Deus revelado na absoluta gratuidade, a resposta humana é a fé, ato sempre de acordo ao dom único e desconcertante do Amor.

Procedamos passo a passo. Nossa reflexão se fará em três tempos. Num primeiro momento, buscaremos compreender o deixar-se plasmar pela graça, segundo a expressão de Bento XVI. A seguir, consideraremos o enfraquecimento provocado pelo tempo, reconhecendo que não podemos abstrair o impacto que ele exerce sobre as decisões existenciais da vida consagrada. E, finalmente, verificaremos a indissociabilidade entre vida e anúncio da fé.

### **1. Coração que se deixa “plasmar pela graça que transforma”**

Encontrar-se com o outro, já na dimensão antropológica, supõe vulnerabilidade. Na dinâmica da abertura que nos constitui, somos mais o que somos à medida que nos abrimos aos outros, numa porosidade na qual, longe de nos perdermos, nos encontramos em profundidade com o nosso próprio ser. E nos descobrimos.

A realidade antropológica faz assim pressentir o movimento, a um tempo, duplo e unificador. Metáfora de um outro encontro. Graça de Deus e liberdade humana não se

estranham, não reivindicam a abdicação do outro polo. E para ratificar tal asserção, um consentimento está na gênese dessa possibilidade. Há um coração que “se deixa” plasmar. A passividade gramatical supõe a real atividade da existência. Existência em que não está implícita a aquiescência pelo simples fato de ser acompanhada de um adjetivo: consagrada. Estamos longe do campo das evidências.

Não é anódino que Bento XVI tenha se expressado em termos de “descobrir de novo a alegria de crer e reencontrar o entusiasmo de comunicar a fé”.<sup>2</sup> Decisões existenciais que compoem a harmonia de uma vida inteira supõem um longo processo de discernimento a ser realizado e, via de regra, não em “solo”. Como bem o sabemos, tal etapa atinge formalmente seu termo quando todas as apreciações feitas, todas as moções interiores, bem como os frutos que produzem considerados, chega o momento de engajar uma palavra pessoal na liberdade.

O fim dessa etapa, em geral, é acompanhado de um grande elã de generosidade, de alegria, de abandono na fé. Inaugura-se assim um tempo rico em experiências, exigente e desafiador, frequentemente sustentado por um desejo sincero de assemelhar-se ao primeiro grupo de seguidores do Senhor. E, por que não dizê-lo, no desejo de uma configuração imediata a Cristo.

### **2. A erosão do tempo**

Subestimar o impacto do tempo sobre a vida no seguimento de Cristo pode ser um fator determinante para deixar crescer a distância entre a situação dos começos e a que se segue. A última poderia ser marcada por um desencorajamento. As mesmas condições históricas que, num dado momento, provocaram uma resposta pessoal, livre e criativa, podem rapidamente transformar-se em empecilhos, travando o dom de si ou pelo menos o tornando um elemento a mais da rotina.

Redescobrir e reencontrar. Duas palavras que só serão audíveis se antes forem reconhecidas as realidades que nelas

2. Ibid., n. 7, p. 10.

subjazem. No processo de maturação da vida consagrada religiosa, é imprescindível o discernimento contínuo do que agita, do que move a partir de dentro. Longe da prática de viver a clausura num laboratório interior – forma religiosa de um narcisismo primário que atravessa a cultura contemporânea –, a atenção à qual se alude é a releitura necessária de uma relação. Se estamos convictos de que a VCR não escapa à realidade de que nos constituímos na relação aos outros, poderíamos afirmar que a VCR é, *a fortiori*, para ser vivida na perspectiva da alteridade. Relação com Deus que nunca prescinde da relação com os outros. Mas a história dessa relação não é “um longo rio tranquilo”. Reconhecê-lo é condição necessária para outras descobertas.

Subjacente ao “redescobrir” repousa a pressuposição de que algo tenha se perdido ou tenha sido encoberto pelas espessas nuvens forjadas pelo tempo. Permitir-se olhar com serena objetividade para a expressão concreta que a própria vida consagrada toma, torna possível descobrir as reais e mais ajustadas questões. Poder formulá-las, sem, contudo, munir-se de impacientes respostas para livrar-se da ansiedade que desencadeiam, garante que as interrogações continuem a se colocar, a ecoar, a se deslocar e, sem ser silenciadas, componham caminhos de vida. Emancipar-se da tentação de culpabilidade oriunda dos questionamentos é o quinhão de todo aquele que deseja prosseguir no caminho de tal redescoberta. Em fidelidade dinâmica ao caminho da Boa-Nova, como conjugar tempo e fidelidade ao consentimento original?

O Evangelho é desafiador. As testemunhas oculares transmitem relatos surpreendentes: o encontro com o Filho questiona, provoca a fé. Escutar o que sensivelmente é inaudível é passagem familiar para aqueles que acreditam. Configurar a própria existência pautados por essa escuta foi, tem sido e será caminho de vida para os cristãos. Poderia a VCR deixar de considerar o lugar da fé, deixar de refletir sobre as suas implicações, como se estivesse construída num terreno intocável, sobre certezas adquiridas uma vez por todas? Se assim fosse, poderia ela ter ainda algo de instigante para os nossos contemporâneos?

É, portanto, passagem necessária perguntarmo-nos sobre a própria fé. De outro modo, seria possível aprofundá-la? O que é a fé? Numa recente publicação sob a forma de entrevista, o teólogo Joseph Moingt adverte que responderá a essa questão de forma não dogmática: “A fé é a vontade de colocar o Evangelho em prática em todos os compartimentos da vida”.<sup>3</sup> “Compartimentos da vida” que lembram a complexidade humana e o imperativo de uma unificação do ser. O “deixar” que sejam impregnados do Evangelho mostra a tentativa de permitir que todos os “compartimentos” sejam informados, iluminados pela luz do Caminho, como foi chamado nos Atos dos Apóstolos (cf. Atos 9,2) o novo modo de viver da comunidade nascente.

O pressuposto dessa prática do Evangelho é uma aproximação da pessoa de Jesus Cristo. É o início de uma relação que vai sendo tecida entre o homem e aquele que se revela e é anunciado através dos relatos. Reconhecimento daquele que irrompe como o que solicita a fé.

### 3. Viver da fé para anunciar a fé

Não é surpreendente que no quadro de certa compreensão, bastante corrente ainda em nossos dias, a VCR seja considerada um lugar de evidências e, portanto, de ausência de interrogações profundas sobre a fé e a existência humana. Um olhar exterior ingênuo sobre a VCR pode forjar a percepção dos próprios consagrados. Pode ainda induzir a um caminho insidioso: o de querer corresponder a uma imagem criada que, paulatinamente, desmobiliza a pessoa consagrada. Desmobilização que sobrevém como consequência de um autocentramento e de um investimento desmedido de força na construção, na ratificação e na conservação da própria imagem. Emancipar-se de tal representação é o êxodo necessário. E só pode tornar-se efetivo a partir da passagem pela experiência kenótica de Cristo.

Compreender a VCR fazendo abstração da realidade kenótica da qual somos convidados a fazer a experiência – singular e intransferível – seria desconsiderar o horizonte da

3. MOINGT, Joseph. Croire quand même. *Libres entretiens sur le présent et le futur du catholicisme*. Paris: Temps Présent, 2010. p. 44.

Encarnação. Seria tomá-la de maneira estática, como um fato que não afeta a “estabilidade” de uma fé que prescindiria de toda inquietação antropológica. Postura que deflagra na pessoa a negação de interrogações, a busca de um afastamento, de uma ruptura com todo elemento questionador significando ameaça iminente.

Desse modo, a VCR se situaria fora do sentido *cristo-lógico* e, portanto, dissociada da estrutura que a funda. Seria assim injustificável, indefensável. Desacreditaria o anúncio de que é portadora na medida em que não se expusesse à aventura do crer. Aventura que se inscreve na dinâmica do fluxo de vida.

A orientação para a primazia da vida é facilmente identificável nos testemunhos do Evangelho. Relatos contundentes em passagens existenciais e em confissões de fé nas quais a ambiguidade não está ausente. No entanto, no cerne de qualquer equivocidade da fé, no coração das dúvidas e hesitações, testemunhamos a presença daquele que não cessa de realizar um patético movimento de descida.

Certamente subtrair-se à aventura da fé significaria para a VCR escolher a própria lógica em detrimento da lógica de Deus, abstendo-se desse modo de acolher aquele por quem somos acolhidos e que continuamente vem ao encontro do homem. Presença contínua que provoca o nosso entendimento e a nossa percepção diante da realidade de seu incessante movimento kenótico.

A experiência espiritual cristã, da qual a VCR é uma expressão, não é uma elevação ao absoluto, prescindindo da trama de relações da história e do mundo; porém, ela coincide com a experiência da fé que, precisamente por seu caráter não palpável, se dá graças a mediações. E, ao invés de remeter o homem a si mesmo, aos seus recursos interiores, provoca a saída de si para remetê-lo à existência de Cristo. Antes mesmo que seja possível da parte do homem qualquer resposta, o amor de Deus se entrega. Por isso, a fé é resposta sempre tardia ao amor de Deus, no Filho.<sup>4</sup> É consentimento ao amor de Deus que precede todo amor e acolhimento que abre para a dimensão do reconhecimento e da livre disposição de si ao dom. É participação na vida divina.

4. Cf. BALTHASAR. Hans Urs von. *L'amour seul est digne de foi*. Paris: Aubier-Montaigne, 1966. p. 129.

Nas realidades prosaicas da vida, em sua aparente banalidade, toma corpo o assentimento da fé. Compreende-se então que o *con-sentir* se torna anúncio porque nele a fé “se diz”, “nos diz” a nós mesmos e aos outros na agitação da vida. Diz o indizível, fala do infinito na finitude, entrega o significado na ambiguidade das palavras, dá densidade à transitoriedade das existências. Anúncio que denuncia a desproporção abissal entre a fragilidade do anunciador e a força daquele que é anunciado. Assimetria reveladora em si mesma da imensidade do mistério.

Pela graça do Filho bem-amado, nosso Irmão, foi colocada em nossos lábios uma palavra de reconciliação, de alegria, de esperança. Palavra a não ser calada. Palavra a ser pronunciada, bem dita por todo o nosso ser, para a credibilidade do “ser cristão”. Mas... “como creriam sem terem ouvido? Como ouviriam se ninguém o proclama? E como proclamar sem ser enviado?” (cf. Rm 10,14-15).

Se é verdade que a “Vida Consagrada Religiosa é manifestação ao mundo de uma presença de Deus”,<sup>5</sup> podemos, para além de prospectivas e quadros sombrios delineados e que se apoiam sobre o declínio na busca pela VCR, acreditar que a aventura da fé que une todos os cristãos é desafio e chance, segurança e dinamismo que suscita a adesão da inteligência, o envolvimento e a criatividade do afeto.

### **Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade**

1. Poderíamos receber a fé guardando-a ciosamente em nossos corações, como um segredo para iniciados? O que supõe a fé?
2. É passagem necessária perguntarmo-nos sobre a própria fé. É possível aprofundá-la? O que é a fé?
3. Partilhe sua experiência e sua caminhada no amadurecimento da fé.

5. DECLoux, Simon. *L'inactualité de la vie religieuse*. Namur: Vie Consacrée, 1993.

## A de-formação na Vida Religiosa Consagrada

Análise de possíveis efeitos regressivos no processo formativo da Vida Religiosa Consagrada

DEBORA DAMIOLINI\*

### Introdução

A Vida Religiosa Consagrada (VRC) sempre foi realidade encantadora e desafiadora. Viva em seu desejo de autenticidade e testemunho e na tentativa constante de aperfeiçoar seu jeito de ser sinal, caminha rumo à cristificação, juntando seus passos aos de uma humanidade em contínua transformação.

Nesse processo de “formação contínua”, no qual toda a VRC e cada religioso/a deixa-se moldar pelo Espírito, assume relevância peculiar o processo de formação inicial,<sup>1</sup> “lugar privilegiado” pelo “Oleiro” para forjar sua obra. O objetivo central do caminho de formação é a preparação da pessoa para a consagração total de si mesma a Deus no seguimento de Cristo, ao serviço da missão.<sup>2</sup>

Vislumbrando o ideal da consagração, nos damos conta de que o “material humano”, “*a matéria prima trabalhada por Deus*” (VITÓRIO, 2008, p. 31), foge sempre mais desse estereótipo. Além disso, nem sempre as congregações religiosas conseguem desenvolver cada etapa formativa contínua, adequada e cuidadosamente, harmonizando as diversas dimensões formativas: humano-afetiva, místico-espiritual, comunitária, cultural, apostólico-pastoral e carismática.

Muitos são os fatores que empobrecem e, às vezes, aniquilam a pessoa, ao longo desse processo, ao invés de ajudá-la a dar passos. Eles podem provocar regressões ao longo das etapas de formação, desencadeando verdadeira *de-formação*, dificultando que se atinjam os objetivos visados pela formação.

\* **Irmã Debora Damiolini** é italiana, religiosa das Irmãs Operárias da Santa Casa de Nazaré, formada em Ciências da Religião pela Universidade Católica do Sagrado Coração – Milão (Itália).  
**E-mail:** <ir.debora@irmasoperarias.com.br>.

1. Tal processo de formação inicial abrange as primeiras etapas de formação da VRC: acompanhamento vocacional, aspirantado, postulante, noviciado e juniorado.

2. JOÃO PAULO II. *Vita Consecrata*. São Paulo: Paulinas, 1996. p. 129-130. (Coleção: A Voz do Papa, n. 147).

O termo *de-formação*, portanto, denota possíveis efeitos regressivos no processo formativo da VRC, entre os quais se pode identificar a *infantilização*, o *aburguesamento*, a *vida comunitária medíocre*, a *generalidade missionária* ou a *atitude empresarial*, a *perda de fé e de entusiasmo*. Tais fenômenos, com frequência, infiltram-se em nossas comunidades, tornando-se ameaça para a verdadeira realização da vocação religiosa.

### Infantilização

A maturidade humana e espiritual é um dos objetivos do percurso formativo. O/a formando/a, caminhando rumo a uma maior liberdade interior, desenvolve atitudes e posturas adultas e equilibradas, para melhor servir ao Reino. A infantilização pode ser considerada uma inversão dessa trajetória, com conseqüente regressão na vida da pessoa, que incorre em evidentes retrocessos ou estagnações, expressas por atitudes típicas de criança.

Isso denota alteração manifesta do processo educacional-formativo, com particular incidência e origem nas etapas iniciais da formação.

Deus continua chamando, seduzindo com seu amor, gritando mais alto que o barulho pós-moderno, irrompendo no coração e na vida de quem não se satisfaz com tudo o que a sociedade oferece, mas com coragem “avança para águas mais profundas” (Lc 5,4). Porém, o impacto, entre o modelo de VRC que a maioria de nossos institutos conserva e os/as jovens pós-modernos, muitas vezes, torna-se chocante.

A pós-modernidade traz características específicas e globalizadas, como a excessiva independência e individualismo, um senso crítico perspicaz, atitudes inconstantes, um forte sentimentalismo, a pertença a um mundo midiático e virtual. O cartão de visita dos/as jovens que pertencem a essa geração é a aparência.

Os/as candidatos/as à VRC carregam inevitavelmente tudo isso, porque filhos da sociedade pós-moderna, e seu encontro com os institutos religiosos pode tornar-se difícil.

Formandos/as que ingressam na VRC já com idade madura, ricos de experiências, talvez deixando grandes responsabilidades sociais, familiares e pastorais, autônomos e graduados, começam sua caminhada formativa em congregações religiosas estruturadas, depositárias de uma herança de regras e costumes, obsoletos e pobres de significado, ligados a tradições históricas e culturais de outros tempos. Institutos religiosos detentores de valores imprescindíveis e preciosos, mas incapazes de transmiti-los de forma adequada.

O embate entre essas realidades, tão diferentes e aparentemente distantes, torna-se *humus* para a *de-formação*, infantilizando o/a formando/a ao impor-lhe um esquema formativo superprotetor, impositivo, sem muito espaço para a novidade e a crítica ou para atitudes construtivas e responsabilizantes.

Situações conjunturais e motivações de matriz psicológica podem fortalecer ainda mais a infantilização. A diminuição vertiginosa do número de membros nos institutos religiosos e seu envelhecimento criam cenários comunitários onde os/as religiosos/as mais veteranos confundem os/as formandos/as com crianças a serem cuidadas, tirando-lhes a autonomia e desresponsabilizando-os/as.

Por outro lado, a comunidade, por ser um grupo de pessoas heterogêneo e organizado por cargos e funções, tende a reconstruir, em muitos casos, o ambiente familiar, carregando seus membros de tensão emocional intensa, por serem comparados, de forma inconsciente, a figuras parentais, desencadeando dinâmicas psicoafetivas complexas.

Esse processo *de-formativo* talvez tenda a se realizar de forma mais tangível na etapa do noviciado, por sua natureza e impositividade mais fechada e, por isso, propensa a excesso de cuidado e proteção.

### **Aburguesamento**

Existe uma grande divergência entre o ideal de vida almejado e a realidade concreta vivida. Também na VRC! As comunidades religiosas, em busca constante de radicalidade e autenticidade, se deparam com formas medíocres de

consagração, pobres de testemunho. Assim como atitudes individualistas ou de indiferença, situações de competição na busca da própria realização/interesse pessoal, tensões seculares que “congelam” as relações fraternas. Trata-se de um estilo de vida cômodo e “fechado” entre as paredes da casa de formação, sem contato real com o povo, com o risco de passar boa parte do dia diante do computador, dedicando-se ao “cuidado virtual das almas”. Essas realidades não estão longe de nossas casas e da rotina de uma VRC pós-moderna.

Infelizmente, apesar dos cuidados para garantir, pelo menos no ambiente formativo, a vivência de atitudes fraternas, coerentes e sadias, pode acontecer de a chaga do comodismo se infiltrar nas comunidades religiosas. A mentalidade consumista entra “de gaiata, pela porta da frente, como visita agradável e gostosa”, que, sem o/a religioso/a perceber, transforma-se em vício difícil de ser extirpado.

O aburguesamento desencadeia um mecanismo progressivo e desintegrador, em que o/a religioso/a transfere o centro de suas opções e seus interesses para a satisfação dos desejos, que se tornam o foco e a motivação do seu agir. A centralidade de Cristo desaparece de sua vida. Isso pode provocar atitudes egoístas e falsas, levando o/a formando/a a desenvolver condutas desonestas para conseguir “o objeto do desejo”, sustentando a relação comunitária pela mentira, como forma de encobrir seu modo egoísta de proceder.

### **Atitude empresarial e generalidade missionária**

A VRC, para existir, deve necessariamente ser vida doada, prolongando o jeito de Cristo, cuidadoso com todo ser humano.

Entretanto, quando ocorre a absolutização do eixo missionário, a ponto de torná-lo exclusivo, em detrimento dos demais eixos da formação, é fácil confundir a missão com o fazer e com as obras.

Muitos serviços que até poucos anos eram prerrogativa da VRC, foram assumidos pelos órgãos públicos, “desafiando”

as congregações religiosas a serem competentes e eficientes, e a VRC está enfrentando uma forte diminuição numérica. A combinação desses dois fatores induz muitos institutos religiosos a investirem na preparação técnica de suas “forças jovens”, movidos pela necessidade de tomar conta das obras, criando, assim, ótimos profissionais, mas talvez religiosos medíocres.

A formação inicial se torna falha quando se reduz à capacitação profissional, esquecendo-se que é um percurso rumo à integridade e maturidade da pessoa, num contexto comunitário e espiritual. Isso gera incoerências no testemunho em comunidades apostólicas nas quais os/as religiosos/as vivem num clima de competição, com ações pastorais que buscam resultados satisfatórios para o indivíduo, mas estereis do ponto de vista missionário; religiosos que, longe de encontrar na comunidade a força e o estímulo para lançar-se na missão, veem no ambiente apostólico ocasião de desabafo ou de fuga de uma realidade comunitária que é tudo, menos fraterna. Nesse contexto, aquela parte de formação que acontece “por osmose” acabará injetando no coração do formando os contravalores de uma vida religiosa distorcida e não autêntica.

Outro efeito *de-formativo* ligado à vivência do carisma específico próprio de cada instituto religioso é a generalidade missionária. Não basta colocar-se numa ótica missionária, abraçando as necessidades da Igreja e do mundo. É preciso formar o/a jovem para uma missão específica, a da Congregação, que o/a formando/a abraçou no momento em que se sentiu chamado, encontrando nesse ideal a realização de seu projeto de vida.

A formação para o carisma específico do instituto é tarefa imprescindível do percurso formativo e não pode ser deixada única e completamente à ação do formador. Fundamental, nesse processo, é o testemunho, a coerência de vida de toda a comunidade e, mais ainda, da congregação em seu estilo de vida e discernimento/atuação apostólica.

## *Perda de fé e/ou de entusiasmo*

“Quem descobriu Cristo deve levar os outros para ele. Uma grande alegria não se pode guardar para si mesmo. É necessário transmiti-la!”, escreve o Papa Bento XVI aos jovens católicos, às portas da 28ª JMJ.<sup>3</sup> Os/as religiosos/as apaixonados por Cristo deveriam tornar-se especialistas e primeiros testemunhos dessa alegria, que brota do dom de si, por Amor.

Infelizmente, não é raro deparar-se com uma VRC “sem brilho”. O encantamento dos primeiros passos, pouco a pouco, abre espaço para o desânimo, a insatisfação, a tristeza, a desmotivação, podendo levar ao abandono do processo formativo.

Para muitos religiosos, esse é o epílogo de um processo progressivo de asfixia espiritual; para outros, o fruto de um discernimento difícil e sofrido, na busca de novos sentidos; outros ainda, de repente, decidem abrir mão de tudo, talvez porque nunca tiveram segurança em sua opção pela VRC, como desdobramento do compromisso batismal. Afastando-se da congregação, alguns parecem afastar-se, também, da fé, dos valores cristãos, conformando-se à mentalidade “do mundo”.

Há outros religiosos que permanecem na VRC, mesmo com um coração vazio e insatisfeitos, sem coragem de refazer sua opção, ou querendo curtir, até o fim, os benefícios que a VRC lhes oferece.

São aquelas situações inexplicáveis que ninguém tem o direito de julgar. Há momentos nos quais os mistérios de paixão e morte cumprem-se em nossa vida.

A VRC deve se perguntar pela incidência do processo formativo na gestação dessa realidade, cujos sintomas se fazem sentir no presente e no futuro.

## *Vida comunitária medíocre*

A fraternidade é dom e profecia, desafio e encanto. Essa mesma fraternidade torna-se escolha e objetivo de todos

3. BENTO XVI. Papa conclama juventude ao diálogo com Deus. *Jornal de Opinião*, Belo Horizonte, ano 23, n. 1229, dez. 2012/ jan. 2013.

os/as vocacionados/as que começam a engatinhar rumo à VRC. Toda vocação nasce num contexto comunitário e se torna expressão daquele amor trinitário que é, necessariamente, comunhão.

Com olhar crítico sobre a realidade pós-moderna, podemos constatar que nem sempre as “raízes” sociais e humanas do ser humano proporcionam um desenvolvimento harmônico, voltado para a comunhão e o altruísmo. Querendo ou não, todo/a formando/a traz consigo os traços conjunturais de seu tempo, que precisam ser trabalhados para garantir o futuro da VRC, e de uma VRC de qualidade!

Sem dúvida, é esse um grande desafio para a VRC, sinal profético de comunhão, mas marcada por resquícios formativos individualistas, em que a santidade era apresentada como horizonte pessoal e o/a formando/a era movido a buscar uma perfeição “pessoal”, que passa bem longe da verdadeira vida fraterna.

### *Causas possíveis*

Depois de analisar possíveis efeitos regressivos no processo formativo, é preciso identificar algumas causas. Reflitamos sobre duas delas.

a) *A pós-modernidade.* A difícil combinação entre o mundo e a VRC, considerados, desde sempre, realidades dicotômicas, manifesta-se de maneira evidente nas etapas da formação inicial. É o primeiro encontro dos jovens pós-modernos com estruturas comunitárias permeadas por fortes traços modernos ou até pré-modernos.

Entre os elementos mais significativos da pós-modernidade, podemos citar o fenômeno do grande desenvolvimento tecnológico, que afeta a sociedade e coloca a coletividade num vórtice irrefreável de mudanças e possibilidades, criando exigências e desejos sempre mais diversificados. Esse fenômeno determina modelos de comportamento e massifica critérios de pensamento e de opinião.

Os valores e os critérios do agir não encontram mais seu alicerce em princípios universalmente reconhecidos. O

pensamento dominante é imposto pela *mídia*, que propõe uma leitura disfarçada da realidade, adormecendo as consciências e entorpecendo a razão.

A economia de mercado manipula a vida das pessoas, gerando novos parâmetros existenciais. Produtos que até poucos anos eram considerados não necessários, tornam-se, hoje, instrumentos indispensáveis.

Individualismo e relativismo tomam posse da verdade, aniquilando doutrinas e ideologias.

O hedonismo absolutiza a aparência, levando ao “culto do corpo” e, conseqüentemente, ao esvaziamento da alma!

As relações interpessoais acontecem prevalentemente de forma virtual, prejudicando, muitas vezes, o verdadeiro encontro entre as pessoas.

Mudanças repentinas proporcionam uma realidade inconstante e sentimentalista. Importa o “aqui e agora”, o “gosto do freguês”, a emoção imediata, sem planejamentos ou projetos em longo prazo, nem tampouco fidelidade excessiva!

A VRC, enquanto realidade encarnada, não pode prescindir, em sua caminhada, do contexto conjuntural no qual é inserida e ao qual pertencem seus/suas formandos/as. Nem tudo o que a pós-modernidade apresenta deve ser demonizado ou temido. Requer-se grande maturidade para saber acolher quanto de bom, belo e útil esta época histórica oferece, usando das coisas para “reverenciar e servir a Deus Nosso Senhor”!<sup>4</sup>

b) *Estruturas formativas e comunitárias.* Analisando as estruturas comunitárias na VRC com um olhar crítico e atento, focando, de modo particular, a realidade formativa e a comunidade como agente de formação, é possível reconhecer elementos comuns que denotam uma herança recebida e que, de certa forma, podem contribuir para o desencadear da *de-formação*.

Um exemplo é a relação entre autoridade e obediência. Sem dúvida, vale a pena relembrar o modelo da obediência cega, que, com frequência, favorece o autoritarismo,

4. SANTO INÁCIO DE LOYOLA. *Exercícios espirituais.* Tradução de Joaquim F. Pereira. São Paulo: Loyola, 1993. p. 28.

com consequências drásticas. A dispensa do diálogo gera o atropelo da pessoa. A imposição autoritária e incontestável encontra um terreno fértil em personalidades frágeis e inseguras. Muitos/as religiosos/as veteranos trilharam caminhos formativos pobres de motivações, mas fortes em imposições.

Outro fator que pode gerar efeitos *de-formantes* brota da impoção piramidal da VRC, que gera identificação da pessoa com sua responsabilidade ou seu cargo (superior/a, ecônomo/a, formador/a etc.), criando jogos de poder difíceis de ser extirpados. Cabe aqui mencionar o exercício do poder econômico, que também nas comunidades religiosas pode tornar-se um problema a ser resolvido, e não um serviço a ser prestado.

Também em nível antropológico, há fixações antiquadas e prejudiciais, minando a caminhada formativa, como a visão dicotômica do ser humano, que, cindindo espírito e corpo, penaliza os desejos da pessoa, bloqueados com proibições e penitências, para precaver o perigo da satisfação dos desejos pessoais, considerados imorais.

### ***Ideal de uma VRC: sonho de um percurso formativo***

“Pô, é hora de te contar uma coisa que já deveria ter-te contado há muito tempo, filho. O ingrediente secreto da minha ‘sopa do ingrediente secreto’ que todos adoram e que me trouxe tanta fama e sucesso! O ingrediente secreto da minha ‘sopa do ingrediente secreto’ é... nada!” – “O quê, pai? Mas...” – “Isso mesmo, NADA, não existe ingrediente secreto!” – “Espera aí, então a tua ‘sopa do ingrediente secreto’ é uma simples sopa de macarrão?! O pai não junta um tempero especial, nadinha?!” – “Não é preciso... para fazer algo especial, só é preciso acreditar que ela é especial!”<sup>5</sup>

Não existe ingrediente secreto que garanta o resultado positivo do caminho formativo. Entretanto, vale a pena insistir em elementos próprios da VRC, cuja valorização e

5. Ingrediente secreto. Disponível em: <<http://5-essencia.blogspot.com.br/2011/02/clxxxvii-ingrediente-secreto.html>>. Acesso em: 22 jan. 2013>, às 16 h.

atualização podem originar uma VRC renovada e autêntica, que responda, coerentemente, a seu chamado!

Bases sólidas, alicerçadas no processo formativo, se tornam âncoras seguras para os/as formandos/as não serem levados/as pelas águas agitadas da vida.

1. *Vida de oração, pessoal e comunitária*. Se a essência da consagração consiste no “ser”, motivador e propulsor do “fazer”, a formação é o tempo propício para que o/a formando/a aprenda a conduzir tudo ao diálogo com Deus, cultivando a oração como encontro íntimo e profundo com o Senhor.

2. *Integridade humana*. Uma casa construída sobre a areia (cf. Mt 7,26) é destinada à ruína! O edifício espiritual de cada consagrado/a precisa alicerçar-se sobre a rocha de uma humanidade “libertada” e integrada. O conhecimento e a aceitação de si são pressupostos imprescindíveis para qualquer caminho formativo, em busca da maturidade. Para alcançá-los, faz-se necessário o recurso às ciências humanas, instrumento precioso, que não deve ser absolutizado. Contudo, o que mais contribui para a realização de um percurso formativo e de crescimento autêntico é a atitude de abertura e sinceridade por parte do/a formando/a, primeiro responsável por sua formação.

3. *Vida comunitária*. Trata-se de um elemento intrínseco e substancial à VRC, que se constitui sempre mais como desafio, devido ao individualismo predominante na sociedade pós-moderna, em detrimento da vivência da fraternidade. Somos chamados a ser construtores e não somente consumidores de comunidade. A fraternidade edifica-se à medida que cada membro amadurece o espírito de grupo, desenvolvendo atitudes de corresponsabilidade e comunhão. Promover relações interpessoais de qualidade entre os membros da comunidade (conhecer-se significa compreender-se!), compartilhar serviços e tarefas, a partir da limpeza da casa, das compras, da manutenção ordinária etc., empenhar-se para contribuir para a sustentação econômica da comunidade, promovendo, por exemplo, pequenas atividades artesanais voltadas a esse objetivo específico, para que a comunidade religiosa se torne efetivamente fraternidade, superando a mentalidade gregária.

4. *Missão apostólica e carisma congregacional.* Falar de carisma significa falar de identidade. Toda congregação nasce para servir ao Reino de Deus, com uma especificidade que brota da primitiva intuição de cada fundador/a. Uma formação que prepare para a missão deve necessariamente inserir o/a formando/a no coração do carisma, através do conhecimento de sua origem, sua evolução, sua vivência atual no instituto. À medida que o/a formando/a assimilar o amor pelo carisma desde os primeiros passos da caminhada, apaixonar-se-á pela causa do Reino em sintonia com o projeto próprio de sua congregação.

5. *Vida do povo: agente formativo.* Sonho com um percurso formativo que se alicerce na vida e na realidade, com suas exigências e desafios. A sociedade, o bairro, a comunidade paroquial são preciosos agentes formativos. Podem valer mais que mil palavras! Mães de família, muitas vezes solteiras, dedicando sua vida para criar os filhos, sem nem sequer um minuto para descansar ao longo do dia; trabalhadores que enfrentam o trânsito nos horários de pico, regressando para casa já de noite, em pé no ônibus, cansados; jovens que, para ter condição de frequentar a faculdade, inevitavelmente, precisam trabalhar e se responsabilizar por sua vida e seus sonhos! Cada uma dessas pessoas, companheiras de caminhada e de fé, é “formador/a”! Nem precisa de palavras. Basta comparar a própria vida de formando/a, não raramente cômoda, mimada, preguiçosa, para aprender a lição!

6. *Inserção.* A VRC caminha com a humanidade ao longo da história. Sua incidência na sociedade e no mundo depende muito de sua capacidade de inserção. Caminhar no compasso dos tempos é exigência! A conjuntura pós-moderna, com seus apelos e clamores, com seus desafios e novas problemáticas, torna-se chamamento para uma ação evangelizadora eficaz e significativa. Já atravessamos as fronteiras do terceiro milênio e não cessam os conflitos em toda parte do mundo. As temáticas bioéticas ou as polêmicas ligadas à ecologia ocupam capas de revistas e os horários nobres do telejornal. A VRC, para tornar-se profética, não pode prescindir de tudo isso, e, sim, “encarnar-se” com atitudes de discernimento e abertura.

7. *Uso dos meios de comunicação.* Fruto do progresso tecnológico, esses meios tornam-se riqueza incomensurável se usados com critério e discernimento, mas também risco de desmoralização e escândalo, em casos de abuso. A *mídia*, que garante a necessária informação social, pode tornar-se potente canal de comunicação e evangelização, mas também transformar-se no principal meio de *de-formação*! Educação e responsabilização são os caminhos a serem trilhados.

8. *Centro do processo formativo: o ser humano.* O percurso formativo estende-se sempre mais no tocante ao tempo e aos conteúdos. Cada etapa se reveste de uma riqueza específica, que precisa ser absorvida como condição prévia da passagem de uma etapa para outra. Tarefa e desafio da VRC é “encarar” cada momento formativo com toda seriedade e dedicação, para os/as formandos/as adquirirem os valores e os conteúdos que os sustentarão ao longo da vida. O agente primeiro do caminho formativo, e de cada etapa, é a pessoa humana, na sua totalidade. A diminuição numérica dos institutos religiosos pode induzi-los a serem menos exigentes com seus/suas formandos/as ou na avaliação dos/as vocacionados/as, apostando mais na quantidade que na qualidade. Falhas ou superficialidade nas primeiras etapas formativas podem gerar inconsistências ou incoerências graves no futuro. Por isso, justifica-se investir no processo formativo, desde o acompanhamento vocacional, procurando conhecer os/as jovens e acompanhá-los/as, junto com suas famílias. Da parte dos/as vocacionados/as, espera-se que se informem sobre a congregação de forma adequada, para terem elementos suficientes em seu discernimento vocacional.

O formador não pode ser deixado sozinho. A criação de equipes formativas e a conscientização de que todos os membros da congregação e cada comunidade devem tornar-se promotores vocacionais e “formadores/as”, pelo menos com seu testemunho radical e autêntico de vida consagrada, são instrumentos preciosos para o resultado do processo formativo!

## Conclusão

“Nem se põe vinho novo em odres velhos, se não os odres se arrebentam, o vinho se derrama e os odres se perdem; [...] mas vinho novo se põe em odres novos, e assim ambos se conservam” (Mt 9,16-17).

O verdadeiro caminho formativo exige uma renovação integral da VRC, que acontece no esforço constante de conversão de cada comunidade e de cada religioso/a. Conformar-se a Cristo, assumindo seus sentimentos, é a caminhada de uma vida inteira. A progressiva transformação em *alter Christus* dos/as religiosos/as dá qualidade à VRC e nos faz dizer: “Vale a pena!”.

Muitas vezes, as dificuldades e os desacertos no caminho formativo levam ao desânimo ou a tratar do assunto “novas gerações” como um problema a ser resolvido, sem assumir uma atitude de agradecimento pelo dom de novos/as jovens para nossas congregações. Tarefa da VRC é a de ajudar o/a jovem a amadurecer e a assimilar os verdadeiros valores da consagração.

Desvios do caminho serão sempre possíveis, porque imprevisível é o coração. Porém, maior é a esperança numa VRC renovada e em caminhos formativos libertadores e humanizadores!

## Bibliografia

- BENTO XVI. Papa conclama juventude ao diálogo com Deus. *Jornal de Opinião*, Belo Horizonte, ano 23, n. 1229, dez. 2012/jan. 2013.
- INGREDIENTE SECRETO. Disponível em: <<http://5-essencia.blogspot.com.br/2011/02/clxxxvii-ingrediente-secreto.html>>. Acesso em: 22 jan. 2013, às 16 h.
- JOÃO PAULO II. *Vita Consecrata*. São Paulo: Paulinas, 1996. (Coleção: A Voz do Papa, n. 147).
- SANTO INÁCIO DE LOYOLA. *Exercícios espirituais*. Tradução de Joaquim F. Pereira. São Paulo: Loyola, 1993.
- VITÓRIO, Jaldemir. *A pedagogia na formação*: reflexões para formadores na Vida Religiosa. São Paulo: Paulinas, 2008.

## Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Que elementos dos atuais processos formativos na VRC, considerando as etapas iniciais das congrega-

## A “natureza missionária” a partir do encantamento de Deus\*

PAULO SUESS

Origem e natureza missionária da Igreja, como foram definidas pelo Vaticano II (AG 2ss), fazem parte da identidade de uma caminhada missionária. Essa identidade, porém, por ser norteadas pelas variáveis da história, do contexto socio-cultural e das relações intersubjetivas, não pode ser reduzida à “origem” ou “natureza”. Somos obrigados continuamente a situar o caráter e “a validade permanente do mandato missionário” (cf. RMi) e a “natureza missionária” nos contextos históricos e culturais de cada época. A própria definição da “natureza missionária da Igreja”, no final do Concílio e depois de uma caminhada de muitos séculos, já é um fenômeno dessa evolução histórica.

O discurso sobre a identidade da missão é ao mesmo tempo um discurso sobre a identidade do povo de Deus, que é messiânico (LG 9,2), profético (LG 12,1) e missionário (AG 2,1; 35ss) em função de sua meta, que é o Reino de Deus (LG 9,2). A modernidade e, nela, a evolução da nossa própria fé nos ensinaram a ver-nos com os nossos próprios olhos e não com os olhos do colonizador; ver-nos com a dignidade de crentes adultos, redimidos por um Deus que se encarnou na periferia do cosmo, num planeta periférico, que é o nosso mundo. E nesse mundo aprendemos a viver como iguais, apesar de culturas, crenças e cosmovisões diferentes. Não aceitamos ver-nos através de espelhos que os conquistadores penduraram nas árvores para despertar nossa curiosidade. Tampouco aceitamos a nossa fé como presente de que se serviu o colonizador para construir a nossa inferioridade e reforçar nossa dependência. Não naturalizamos o que foi histórica e socialmente construído, a nossa identidade.

\* Palestra proferida na 30ª Assembleia do Comina, realizada no Centro Cultural Missionário, Brasília, em 02/03/2013.

\*\* **Paulo Suess** estudou nas Universidades de Munique (1960-64), Lovaina (1974) e Münster (1975), onde se doutorou em Teologia Fundamental. Atualmente é assessor teológico do Cimi e do Comina, e professor no ciclo de pós-graduação em Missiologia, no ITESP. **Endereço do autor:** Caixa Postal 46-023, CEP 04045-970, São Paulo-SP.

O psicanalista Costa Freire descreve os contornos da identidade assim: “Não nascemos ‘sendo’; somos o que nos tornamos, e, salvo exceção, nos tornamos o que a cultura permite que venhamos a nos tornar”.<sup>1</sup> Pessoas e grupos sociais estão sempre num processo que une o “ser” da herança ao “vir a ser” da história e ao culturalmente disponível. Grupos sociais são herdeiros e construtores de sua identidade porque a sua identidade não é a de um objeto, mas a de um sujeito histórico e coletivo. O conjunto todo de uma nação ou de um continente tem múltiplas identidades. Como a identidade de uma pessoa só se pode formar na identidade mais ampla de um grupo, assim também a identidade de grupos precisa da categoria do “outro” grupo, que não é um grupo estranho ou estrangeiro, mas um grupo absolutamente diferente e igual, próximo e distante ao mesmo tempo.

A complexidade dessa construção da identidade levou também o Comina, que reúne há mais de 40 anos os diferentes organismos, congregações e instituições missionárias da Igreja Católica no Brasil, a refletir sua identidade na diversidade de sua pertença institucional e contextual, na diversidade dos seus carismas e escolas teológicas. No decorrer da caminhada do Comina, que com o Documento de Aparecida recebeu novos impulsos, consciência e participação missionárias no Brasil, cresceram como cresceram os desafios da missão hoje. Como povo das bem-aventuranças, somos convocados a testemunhar, nesses desafios, a experiência de Deus (cf. RMi 91).

### 1. A diversidade dos caminhos

A seguir, seis cenários que permitem perceber componentes essenciais para a construção da identidade da missão. A missão, que tem como meta o Reino de Deus (cf. LG 9,2), é uma missão emancipatória que visa confirmar seus interlocutores como adultos inconformados com o sofrimento desnecessário, portanto, solidários com os pobres e os outros. A meta comum se desdobra na pluralidade desses cenários e na alteridade de seus agentes. Interlocutores adultos sempre são

1. COSTA FREIRE, Jurandir. Prefácio: Playdoier pelos irmãos. In: KEHL, Maria Rita (Org.). *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. p. 10.

agentes da missão, a qual exige proximidade cultural e presença como exigência de comunicação e, ao mesmo tempo, certa contraculturalidade em face de consensos alienantes cristalizados em cada ambiente social.

### 1.1. Cenário 1: Jardim Itápolis

Na frente do Museu da Independência, em São Paulo, passa, de quinze em quinze minutos, um ônibus que é um lembrete da diversidade cultural da cidade e do país, e isso não pela diversidade dos passageiros, mas pelo letreiro que o identifica: “Jardim Itápolis”. “Jardim” lembra a herança portuguesa do país; “itá”, em guarani, significa “pedra” e aponta para a herança indígena, e “pólis” representa o berço da civilização ocidental em Atenas. “Jardim Itápolis”: “Jardim Cidade de Pedra”. Os nomes das ruas de São Paulo, as estações de metrô, as estátuas e, sobretudo, as pessoas – tudo é expressão de diversidade cultural e religiosa em níveis real e simbólico, portanto, de diferentes identidades.

Nas ruas paulistanas, estátuas de Anchieta e de Anhanguera disputam a atenção dos transeuntes. A Grande São Paulo é atravessada por uma “Via Anchieta”, por uma “Via dos Bandeirantes” e uma “Rodovia Raposo Tavares”, lembrando o chamado “ciclo de caça ao índio”. O povo herdou a alquimia de sua sobrevivência dos índios colonizados, homenageia seus anjos da guarda e respeita seus demônios porque sabe como pode ser útil acender uma vela a Deus e outra ao diabo. Para o povo, identidade é algo inclusivo. O embate do bem contra o mal – tantas vezes invocado nos autos de Anchieta –, o povo o enfrenta nas ruas, onde hoje a violência real supera a imaginação alegórica dos missionários quinhentistas. A identidade dos cristãos não está na sua santidade, mas na dialética da pertença a um povo santo e pecador que faz parte da civilização humana.

### 1.2. Cenário 2: os encontros de Porto Seguro

Por muito tempo, a compreensão da identidade considerou multiplicidade, alteridade e pluralidade viciadas por deficiências do ser. Os missionários compreenderam, por

consequente, seu trabalho como redução da complexidade. O diferente e múltiplo haveria de ser incorporação na uniformidade da própria identidade. Fazer do outro alguém que é semelhante ou igual ao pregador europeu parecia uma proposta generosa. A primeira Missa celebrada por Frei Henrique de Coimbra na Terra de Santa Cruz reflete esse pensamento redutivo, nas palavras do cronista Pero Vaz de Caminha, que destaca os índios como aqueles que fazem tudo como nós:

Ali estiveram conosco, assistindo à Missa, perto de cinquenta ou sessenta índios, assentados todos de joelhos, assim como nós. E quando se chegou ao Evangelho, ao nos erguermos todos em pé com as mãos levantadas, eles se levantaram conosco e alçaram as mãos, estando assim até se chegar ao fim; e então tornaram a assentar-se, como nós. E quando levantaram a Deus, que nos pusemos de joelhos, eles se puseram todos assim como nós estávamos.<sup>2</sup>

Ao concluir a descrição do evento de Porto Seguro, Pero Vaz resume: “E segundo o que a mim e a todos pareceu, esta gente, não lhes falece outra coisa para ser toda cristã do que nos entenderem, porque assim tomavam aquilo que nos viam fazer como nós mesmos”.

Quinhentos anos mais tarde, 22 de abril de 2000, a Polícia Militar baiana tentou impedir a marcha dos povos indígenas e dos seus aliados do movimento popular de Porto Seguro a Coroa Vermelha. Os índios, que se recusaram a fazer tudo como nós, foram violentamente reprimidos, com bombas de efeito moral, numa operação militar sem precedente.

Algumas cenas daqueles dias jamais esqueceremos: Gildo Terena tentando impedir a repressão contra os índios, colocando-se de joelhos em frente à tropa de choque; integrantes de um grupo Kayapó rasgando as roupas que vestiam, num grito de revolta contra a humilhação; Matalawé (Jerri Adriani dos Santos), pataxó sobrevivente da região, no dia 26 de abril, interrompe a Missa oficial de comemoração do descobrimento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com um pronunciamento contundente:

2. CASTRO, Silvio (Ed.). *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM, 1985. p. 95.

Hoje é um dia que poderia ser um dia de alegria para todos nós. [...] Onde vocês estão pisando vocês têm que ter respeito porque essa terra pertence a nós. [...] quinhentos anos de sofrimento, de massacre, de exclusão, de preconceito, de exploração, de extermínio de nossos parentes, aculturamento, estupro de nossas mulheres, devastação de nossas terras, de nossas matas que nos tomaram com a invasão. [...] Estamos de luto. Até quando?<sup>3</sup>

A Missa interrompida por Matalawé é a ponta para a construção de uma nova identidade, que não deve escandalizar a Igreja. Pelo contrário, no índio adulto a missão alcançou uma de suas metas.

### 1.3. Cenário 3: confusão babilônica

A diversidade linguística encontrada nas Américas era, muitas vezes, comparada pelos missionários quinhentistas à confusão babilônica. O padre José de Acosta (1540-1600), primeiro provincial dos jesuítas no Peru, por exemplo, constata com certa resignação: “Dizem que em outros tempos com 72 línguas entrou a confusão no gênero humano; mas estes bárbaros têm mais de 700 línguas [...]”.<sup>4</sup>

Também o padre Antônio Vieira (1608-1687), em seu Sermão da Epifania, aponta entre as dificuldades para a catequese dos índios a questão linguística. “Na antiga Babel houve setenta e duas línguas; na Babel do rio das Amazonas já se conhecem mais de cento e cinquenta, tão diversas entre si como a nossa e a grega; e assim, quando lá chegamos, todos nós somos mudos e todos eles surdos”.

A redução da diversidade é uma luta antibabélica. A redução ao Uno era interpretada como a “recapitulação” em Jesus Cristo, da qual São Paulo fala. Salvação significava, portanto, reverter a confusão e dispersão de Babel. Em face das exigências de uma origem e de um caminho único e da diversidade cultural dos povos autóctones das Américas, os termos “tutela” e “redução” tornaram-se palavras-chave da “conquista espiritual”.

O termo “redução” podia significar redução da pluralidade cultural e religiosa aos padrões europeus em “doutrinas”

3. Cf. Porantim XXII/225 (maio, 2000): 18.

4. ACOSTA, José de. *De procuranda indorum salute*. In: *Obras del padre José de Acosta*. Madrid: Atlas (B.A.E. 73), 1954. p. 399 (liv. 1, cap. 2).

mais ou menos abertas ou em “missões” fechadas; podia significar redução da “margem da humanidade” ao centro e redução da complexidade social entre conquistados e conquistadores no interior de uma cristandade única. A “redução” como experiência missionária não transformava uma multiplicidade arbitrária em diversidade articulada; não gerava, em resposta a uma suposta confusão babilônica, um novo pentecostes.

### 1.4. Cenário 4: mundo às avessas

Ao atravessar o Equador com 44 companheiros, no dia 22 de fevereiro de 1691, o jesuíta Antônio Sepp anota em sua carta-diário:

Viagem às missões jesuíticas e trabalhos apostólicos: Costuma-se mudar tudo sobre o Equador.<sup>5</sup> A agulha magnética da bússola, porém, não se desloca. Ela continua apontando fiel e exatamente para a Estrela Polar. A diferença está toda em nós mesmos, que precisamos modificar nosso conceito. Quando é meio-dia na Europa, é meia-noite aqui entre nós. [...] O vento norte gélido da Europa é aqui bem morno. Tudo às avessas. [...] Em dezembro e janeiro, quando na Europa tudo gela, comemos figos e colhemos lírios. Numa palavra, tudo aqui é diferente, e está a cunhar a expressão, chamando a América de “mundo às avessas”. [...] No dia 28 de fevereiro entramos para o jejum quaresmal, aliás de acordo com o calendário, e não com a realidade.<sup>6</sup>

Como organizar calendários de acordo com a realidade, ao mesmo tempo cosmológica e local? Como transformar

contra o monopólio e a hegemonia, como o feminismo, o comunitarismo, as lutas indígenas e afro-americanas, as causas dos migrantes, das minorias étnicas e das maiorias sociais marginalizadas ou excluídas. A questão da alteridade é uma questão política que aponta para direitos fundamentais negados.

### 1.5. Cenário 5: perda da conexão primordial da vida

O que o jesuíta André João Antonil escreveu no início do século XVIII, ainda hoje encontra seus reflexos no espelho da realidade que reproduz as mentalidades como chapas divisórias num grande salão. Existem três Brasis, escreve Antonil: O Brasil inferno, o Brasil purgatório e o Brasil paraíso. Esses três Brasis são povoados e dominados, leiloados e repartidos segundo a cor, a origem cultural e a classe social dos seus habitantes. Escreve o jesuíta italiano em *Cultura e opulência do Brasil* (1711): “O Brasil é inferno dos negros, purgatório dos brancos e paraíso dos mulatos e das mulatas”. Sem entrar no mérito da questão de quem estaria mais perto do purgatório, do inferno ou do paraíso, pode-se afirmar que na identidade brasileira se trata – desde a conquista – de múltiplas identidades. O Evangelho pregado desde a casa grande não converteu nem a casa grande nem a senzala. A missão, com sua suposta lealdade interclassista, permaneceu “verniz superficial” (cf. EN 20). Se a chamada “nova evangelização” não leva em conta a especificidade de seus interlocutores, seu lugar sociocultural, e se ela não abandona sua dupla ou múltipla lealdade, será, no melhor dos casos, apenas um projeto orientado por “discípulos missionários” com a lógica de marqueteiros no mundo globalizado. Ser índio, negro ou branco, viver no campo ou na grande cidade, são fatores que não só determinam as oportunidades sociais no País, como também a necessidade salvífica e a capacidade de acolher o Evangelho como Boa Notícia. Compreendo hoje “pecado original” como perda da não dualidade primordial da vida em nossa consciência através de lógicas binárias (sim/não, verdadeiro/falso, inclusão/exclusão, sujeito/objeto) e definições conceituais que, como

dogmas, nos afastam mais da realidade do que nos aproximam. A alteridade “classificada” ou “conceitualizada” é o início do etnocentrismo e da sociedade de classe.

### 1.6. Cenário 6: mundo globalizado

Para a questão da identidade, a “má notícia” da globalização está na sua indiferença contextual e homogeneização cultural. O oxigênio da identidade é o contexto, a participação e a diferença. O mercado global representa a última fase da destruição da identidade que começou com a colonização. No mundo globalizado, os discursos ideológicos dos latifúndios do capital, da terra, dos meios de comunicação reduziram o discurso dos princípios que poderia fazer ouvir a voz dos *outros* e dos seus direitos, ao discurso dos recursos (“sustentabilidade”).

Mártires e hereges, pobres e excluídos, outros e minorias são a memória evangelicamente significativa. Eles questionam a conveniência política do *forget* (esqueça!) e *delete* (apague!). Para poder cultivar a identidade de um país, faz-se necessário cultivar a memória marginalizada de cada época. Essa memória marginal é o ponto de partida da missão. O mundo moderno ameaça a identidade não somente através de uniformização e aceleração, mas sobretudo por esquecimento e a amnésia. Missionários de Fórmula 1, que não têm mais tempo para permanecer no lugar da missão para partilhar a vida, eles tampouco têm memória nem fazem experiência contextualizada de Deus.

## 2. A natureza missionária como identidade

Historicamente, a identidade é marcada por diferentes cenários. Inerente a essa identidade mutável dos cenários existe também um *continuum*, algo que se configura, a partir da nossa fé, como um prefixo de vocação e missão em todas as biografias e experiências de vida. Contra a uniformização, cuja meta é a integração sistêmica que exige redução da diversidade e esquecimento do “preço” que cada um teve que pagar por essa integração no mundo-mercado, procuramos

construir a identidade da vocação cristã e a unidade do gênero humano em função da meta comum, que é o Reino de Deus, através do conceito da “natureza missionária”.

A seguir, procuro situar o lugar da “natureza missionária” e, com ela, o lugar da missão como tal, na “atratividade” do próprio Deus. Essa “atratividade” precede ao envio. A origem da missão está em Deus e a chave de leitura dessa missão é o amor atraente de Deus.

### 2.1. Deus – amor e origem da missão

O “Decreto *Ad gentes* sobre a atividade missionária da Igreja” é, em primeiro lugar, um tratado sobre Deus que é amor e que inscreveu esse amor na missão, na praticidade das dimensões missionárias da Igreja.<sup>7</sup> A nossa missão nasce de Deus e nos faz retornar a ele. Para essa missão, a Igreja é instrumento histórico e sacramento. A Igreja é precedida pelas origens dessa missão na criação e inserida na finalidade dessa missão, que é o Reino. A missão nasce de Deus, que é “Princípio sem Princípio” (AG 1,1s). O olhar microcósmico da física quântica, que vai muito além dos átomos, nos revelou uma realidade holística da qual fazemos parte e na qual o mundo físico e a transcendência estão muito próximos como saberes complementares. O olhar profundo da nova física nos explica a matéria como um entrelaçamento de relações e conexões desde o princípio. Por fazermos parte dessas relações cósmicas, nascemos muito antes de acordar num berço esplêndido. “A data do aniversário marca apenas o dia em que nos tornamos presença, um-com-os-outros, numa qualidade de relação muito diferente daquela que precedeu o nosso natal”.<sup>8</sup> Isso nos permite falar do princípio criativo do amor, primordialmente embutido no cosmo. E os físicos nos falam que, para compreender o mundo, devemos abandonar nossas atitudes “pegajosas” e nos inserir de mãos estendidas num grande abraço que acolhe as relações que configuram o cosmo. Com esse olhar fica mais fácil falar do amor primordial de Deus como origem da missão.

A relacionalidade cósmica amorosa, desde o princípio, nos permite compreender o significado das religiões não cristãs

7. Cf. CONGAR, Yves. *Theologische Grundlegung* (Nr. 2-9). In: SCHÜTTE, Johannes (Ed.). *Missio nach dem Konzil*. Mainz: Grünewald, 1967. p. 134-172.

8. FREI BETTO. *A obra do artista: uma visão holística do Universo*. 3. ed. São Paulo, 1997. p. 213.

como caminhos de salvação, desde o princípio inseridas nesse entrelaçamento de relações. Seu reconhecimento rompe a esfera da mera tolerância e adquire um estatuto teológico.

Em primeiro lugar, a reflexão missiológica pertence à “Teologia” que considera Deus em si e como ponto de partida de tudo. Apenas secundariamente, ela integra a “Economia de Salvação”, que parte do caminho que Deus percorre com a humanidade segundo um plano salvífico. As interpretações do cristianismo que não levam em conta a primordialidade relacional da missão como amor, correm o perigo de se situar fora da totalidade cósmica do universo, de se apropriar “objetivamente” dela como intérpretes do amor primordial, e não como sua expressão.

As nossas palavras sobre Deus Uno e Trino – o mesmo podemos dizer dos conceitos e definições da ciência – são apenas aproximações, e as nossas definições são afirmações analógicas sobre um mistério inesgotável.<sup>9</sup> O próprio Filho de Deus, quando fala do Reino, não fala em conceitos, mas em parábolas. A comunidade cristã aprendeu que os escritos bíblicos não correspondem a equações matemáticas. Falar de Deus significa sempre falar em analogias e linguagens incapazes de captar a realidade que descrevem. Parafraseando o poeta podemos dizer: “Navegar é preciso (exato), interpretar não é preciso...”. Para as comunidades da fé, a história da salvação é uma caminhada cheia de surpresas. A comunidade está, com todos os místicos, na “nuvem do não saber”; de mãos vazias partilha sua “douta ignorância”. Ela “suspeita”, experimenta, descobre; desconfia da eficácia do fazer e aposta na gratuidade das coisas de Deus. Não há previsibilidade evolutiva. A reinterpretação da segunda volta de Jesus, esperada no prazo de uma geração – a parúsia –, quer dizer, o reconhecimento de uma interpretação errada pelos primeiros cristãos, marca o início da missão cristã.

Resumindo, podemos dizer: a origem da dinâmica pela qual a Igreja povo de Deus se espalha pelo mundo está ancorada na vida intrínseca do próprio Deus vivo. A origem da missão, sua natureza e essencialidade, está no “desígnio de Deus Pai”, que é “Princípio sem Princípio” (AG 1,1s).

9. Entre criador e criatura, afirma o IV Concílio de Latrão (1215), a dessemelhança é sempre maior do que a semelhança (cf. DENZINGER; SCHÖNMEITZER, n. 806).

## 2.2. Discernimentos: atividade e natureza missionárias

Antes de prosseguir nesta reflexão precisamos fazer um sucinto discernimento entre atividade missionária e natureza missionária. Se as raízes da “natureza missionária” da

### 2.3. Atração como encantamento

A dimensão teológica da missão foi decifrada a partir do próprio Deus-Amor: “Em verdade vos digo: não foi Moisés quem vos deu o pão do céu. É meu Pai quem vos dá o verdadeiro pão do céu. Pois o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo” (Jo 6,33). Para que todos se possam tornar discípulos e discípulas de Deus, o Deus-Amor sai de si mesmo, desce, atrai e abraça. A origem da missão é Deus-Amor, e os caminhos da missão são traçados pela atração de Deus, e Deus “desceu” nesses caminhos antes de nós os percorrermos. Não nos podemos imaginar criação desligada da encarnação ou anterior a ela.

E aquele que é o “Enviado do Pai” (cf. Jo 17,3.18) lembra e anuncia essa finalidade e mediação da descida e do abraço de Deus: “Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o atrair” (Jo 6,44). O contexto da multiplicação dos pães, em que se encontra esse verso, nos coloca no contexto pascal (Jo 6,1-13). O paradigma da “atração de Deus” é o paradigma da libertação desde as origens daquilo que existe, da libertação do planeta Terra das trevas (cf. Gn 1,2ss) e do ser humano do barro. O paradigma da “atração” é o paradigma da “missão”, do encantamento da missão por Deus. E o paradigma da missão visa não só à saída da escravidão. No deserto e na Terra Prometida, Deus já esperava seu povo. Libertação significa cair nos braços de Deus.

Nos três movimentos – descida, atração e abraço –, o dom de Deus se realiza. “Deus revela a sua face precisamente na figura do servo sofredor” (SS 43; Is 53). Ao abraçar o leproso, São Francisco se converteu. Na entrada messiânica de Jesus em Jerusalém, a unidade entre o Nazareno e o Deus-Amor é tão grande que Jesus pode exclamar: “Quando eu for levantado da terra, atrairei todos a mim” (Jo 12,32).

O dossiê bíblico e o magistério reforçam a tese de que a missão se realiza mais por atração do que por persuasão. Ainda em sua homilia, na Missa inaugural da Conferência de Aparecida, dia 13 de maio 2007, o Papa Bento falou do crescimento do povo de Deus pela “atração”:

A Igreja não faz proselitismo. Ela cresce muito mais por “atração”: como Cristo “atrai todos a si” com a força do seu amor, que culminou no sacrifício da Cruz, assim a Igreja cumpre a sua missão na medida em que, associada a Cristo, cumpre a sua obra conformando-se em espírito e concretamente com a caridade do seu Senhor.<sup>11</sup>

O Documento de Aparecida assumiu literalmente esse tópico da “atração” oriundo da força do amor (n. 159; cf. 268, 361s). Nesse momento eclesial de migração de fiéis para outras denominações, de escândalos, de perda da relevância de muitas instituições eclesiais para a missão, sofremos todos essa ferida aberta da falta de atratividade no nosso próprio corpo. A busca de substitutivos da verdadeira atratividade eclesial, que é Jesus crucificado e ressuscitado, por uma atratividade alienada baseada na estética do marketing ou em eventos espetaculares, é grande. Mas talvez represente exatamente a falta de atratividade dessa Igreja leprosa, na qual muitos cristãos se sentem menos atraídos e mais traídos em seus ideais e profundamente feridos em seu orgulho de pertença; um *kairós* para a conversão de todos nós, para o reaparecimento da “atrativa oferta de vida mais digna, em Cristo” (DAp 361); enfim, para que Deus seja louvado não pelas nossas obras, mas por causa de sua misericórdia, porque nos atrai, sempre apesar de...

Talvez possamos compreender melhor o paradigma da atração da missão de Deus e da atratividade da Igreja com uma metáfora em que o dom da fé possa ser entendido como um jardim. As missionárias e os missionários são zeladores desse jardim e de suas flores, que atraem borboletas. Não são caçadores de borboletas. Não fomos enviados para correr atrás de almas perdidas, mas para salvar e atrair vidas pela alternativa convidativa das virtudes teológicas da fé, da esperança e do amor.

### 2.4. Experimentar na busca a atração de Deus

Algumas parábolas de Jesus parecem enfatizar mais a busca, o “correr atrás”, do que a “atração”. As parábolas da

11. Santa Missa de inauguração da 5ª Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, na praça em frente do santuário de Aparecida (13 de maio 2007).

ovelha, da moeda e do filho perdido (Lc 15,1ss) partem de uma constatação dos fariseus e dos escribas de que Jesus praticava uma “acolhida” sem critérios: “Este homem acolhe os pecadores e come com eles” (Lc 15,1ss). Essa “acolhida” não seria uma forma de “atração”? E mesmo nas parábolas com as quais Jesus responde aos fariseus, há essa dimensão do “deixar encontrar-se” por Deus ou, no filho perdido que volta à casa do pai, sempre encontramos essa atratividade de Deus. Também na parábola do bom pastor não encontramos um caçador de borboletas (Jo 10,1ss). Deus caminha à frente das ovelhas e “as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz”. E o bom pastor as conhece, “assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai” (Jo 10,16). Na reciprocidade do conhecimento se reflete a reciprocidade do reconhecimento que compreendemos como amor. E esse amor é presença desde sempre e doação total que permitem a Jesus dizer: “Eu dou minha vida pelas ovelhas” (Jo 10,16).

Também na parábola do bom samaritano encontramos a atração de Deus (cf. Lc 10,25ss). A parábola responde à pergunta do doutor da Lei a Jesus: “Mestre, que devo fazer para herdar a vida eterna?”. E Jesus responde que a vida eterna não se encontra no templo de Jerusalém, de onde vieram o sacerdote e o levita da parábola, mas naquele que caiu nas mãos de ladrões. O que fez esse samaritano “chegar perto dele”, “mover-se de compaixão”, e “tratar-lhe as feridas”, senão a atração de Deus? A parábola do bom samaritano está muito próxima ao sermão escatológico de Jesus, resumido assim: “Quando foi que te vimos como forasteiro, e te recebemos em casa, sem roupa, e te vestimos? Quando foi que te vimos doente ou preso, e fomos te visitar? Então o Rei lhes responderá: [...] Todas as vezes que fizestes isso a um destes mais pequenos, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes!” (Mt 25,39ss). O “te vimos” e o “foi a mim que o fizestes” são indicadores evidentes da presença de Deus que atrai nos necessitados. Todas as discípulas e discípulos missionários já experimentaram a alegria desse encontro com Deus nas pessoas marginalizadas, nos sofredores e pecadores. No serviço a eles começa a experiência de Deus transformada, na vida missionária, em testemunho, diaconia e loucura

por causa do Evangelho. Em seu discurso final, na última sessão do Concílio (7/12/1965), o Papa Paulo VI oferece uma chave de leitura teológico-pastoral de todo o Vaticano II: “Aideiadeserviçoocupouolugarcentral” do Vaticano II. “Desejamos antes notar que a religião do nosso Concílio foi, antes de mais nada, a caridade”. Com a caridade, Paulo VI confirmou a centralidade de Deus no Vaticano II. Na exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, Paulo VI reforçou a atração do serviço através do testemunho: “O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres” (EN 41).

A pastoral latino-americana gerou testemunhas qualificadas, mártires, confessores e profetas. A memória deles, que nos atrai, não é saudosismo. Os nossos mártires, impulsionados pelo Espírito Santo, foram aquelas testemunhas que já não viveram para si, “mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou” (2Cor 5,15). Deixaram-se atrair pela causa do Reino que defenderam nas múltiplas causas dos pobres. Não foram caçadores de almas, mas defensores da vida. O conceito de pastoral integral, que os norteou, opera por atração, encantamento, dedicação, serviço. No horizonte da atração divina, o debate sobre a evangelização explícita ou implícita como alternativa não faz sentido. Aparecida resume: “Iluminados pelo Cristo, o sofrimento, a injustiça e a cruz nos desafiam a viver como Igreja samaritana, recordando que a evangelização vai unida sempre à promoção humana e à autêntica libertação cristã” (DAp 26). Para muitos, particularmente na religiosidade popular, a cruz se tornou suportável porque nela estamos acompanhados, não abandonados.

## 2.5. Peregrinação

A “natureza missionária” não é algo estático como a metáfora da atração de um jardim poderia sugerir. A “natureza missionária” do povo de Deus é marcada pelo êxodo e pela itinerância histórica (LG 9), por pobreza e verdade. Ratzinger apontou para a articulação entre pobreza e verdade citando Sócrates. Este se diz merecedor de credibilidade, porque defende um Deus que não lhe traz nenhuma

recompensa social ou material: “Eu disponho de uma testemunha qualificada a respeito da verdade de meu discurso, que é minha pobreza”.<sup>12</sup> No cristianismo, essa testemunha é a pobreza do próprio Deus, presente no presépio da encarnação, no lenho da cruz e no pão da Eucaristia. Deus que se fez caminho e verdade, que se fez historicamente palpável permanecendo mistério, não pode ser testemunhado na persuasão e propaganda, mas, sim, na pobreza e no despojamento. “A pobreza é a verdadeira aparição divina da verdade. Ela pode exigir obediência sem alienação.”<sup>13</sup>

A itinerância missionária aponta para despojamento, gratuidade e doação. Eles caracterizam a essência ou “natureza missionária” da Igreja. Ao falar dessa natureza missionária do povo peregrinante (AG 2,1), o Vaticano II não naturaliza a missão. Articula o estático da essência ou natureza missionária com o dinâmico da peregrinação do povo messiânico que passa, como o povo da Antiga Aliança, por deserto e cativo e aprende a apostar na dimensão escatológica da missão. Aprendemos de Israel que a posse da Terra Prometida, com muros de proteção e exércitos de defesa, é incompatível com a identidade desse povo peregrinante, cujo destino é estar no mundo sem ser do mundo.

Ao caminhar no Espírito, o povo de Deus se liberta da ditadura dos fins preestabelecidos. Não importa chegar a qualquer custo aos confins do mundo. O que importa é caminhar. Jesus disse: “Eu sou o caminho” (14,6) e não: “Eu sou a chegada”. O que importa é o caminho e a presença de Deus nas metas desse caminho e em cada passo da caminhada. E, se não estiver em cada passo, tampouco estará na reta final. Não é pela prática do absurdo que chegaremos à felicidade; não é passando por cima de cadáveres que construiremos a plenitude do tempo.

Uma Igreja peregrina é uma Igreja pobre, sem “distúrbios circulatórios” causados pela vida sedentária. Uma Igreja instalada sempre cairá na tentação de agir através de estruturas pesadas e doutrinas complicadas, que aprisionam o Espírito. Uma Igreja peregrinante é uma Igreja simples e transparente. Quem vai longe e confia no Senhor da história, caminha

12. PLATÃO. *Apolo-*  
*logia*, 31c.

13. RATZINGER, Joseph. *Der Dialog der Religionen und das jüdisch-christliche Verhältnis*. In: *Die Vielfalt der Religionen und der Eine Bund*. 3. ed. Bad Tölz: Urfeld, 2003. p. 93-121; aqui 116.

com poucos “instrumentos”. O linguajar eclesial em que se convencionou o termo “tomar posse” de uma paróquia ou diocese, de uma sede episcopal ou cadeira teológica, aponta para uma Igreja instalada com escassa missionariedade. “Sede”, “posse” e “cadeira” são indicadores de heranças imperiais que dispensam a peregrinação. A atração de Deus não é a atração daquele que está sentado no trono e atende a humanidade, que faz fila diante do seu trono. A atração de Deus ocorre no incógnito de sua presença no mundo, que faz arder o coração dos discípulos.

Jesus é caminho significa que Deus é caminho. Os apóstolos são enviados ao encontro do mundo criado e redimido por Deus. Missionários são peregrinos e não organizadores de eventos. Missionários e missionárias se deixam interromper pelo outro e pelo pobre porque sentem neles a vulnerabilidade e a dor, que não podem esperar, e escutam neles a voz de Deus crucificado. A transmissão não ideológica da revelação é garantida pelas vítimas da história.

A realização sacramental dessa presença atrativa de Deus ocorre na Eucaristia, que é o viático, a provisão para o caminho, o pão que sustenta a passagem do deserto para a Terra Prometida, da morte para a vida, alimento pascal (cf. Cat. IC, 1524). A Eucaristia participa do incógnito da presença atrativa de Deus. Não existe algo mais material que o pão, produto do trabalho humano, e mais materialmente insignificante que a hóstia sagrada. Contudo, o “isto-é-o-meu-corpo” da Missa atualiza o Corpo de Cristo prostrado nas ruas das nossas cidades. A Eucaristia – “mistério da fé” – é sempre uma nova iniciação à presença de Deus no mundo. Em Jesus Cristo, esse Deus se revelou como Caminho e peregrino *ad pauperes e ad gentes*.<sup>14</sup> Pela Eucaristia, “Jesus nos atrai para si e nos faz entrar em seu dinamismo em relação a Deus e ao próximo” (DAP 251). Para louvar a esse Deus, “para reconhecê-lo e servi-lo nos mais pobres”, Aparecida lembra, com as palavras de São João Crisóstomo, essa aliança entre o Pai e os irmãos: “Querem em verdade honrar o corpo de Cristo? Não consentam que esteja nu. Não o honrem no templo com mantos de seda enquanto fora o deixam passar frio e nudez” (DAP 354).<sup>15</sup>

14. Cf. SUESS, Paulo. *Dicionário de Aparecida: 42 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007. Verbete: Eucaristia.

15. CRISÓSTOMO, São João. *Homilias sobre São Mateus*. L, 3-4: PG 58, 508s.

## 2.6. Metáfora

Vários caminhos permitem destrinchar o significado da “natureza missionária”. Primeiramente, ela parece apontar para algo dado pela natureza, algo que está no sangue ou no DNA. A Igreja reivindica para si a missionariedade como algo embutido desde seu nascimento, ou melhor, desde sua fundação. As origens de um fenômeno apontam sempre para sua essência, sua natureza, sua finalidade e identidade.

A Igreja, no entanto, não é um organismo natural que faz parte da evolução das espécies. Por conseguinte, a sua “natureza missionária” não se explica biológica, social ou historicamente. Sua origem está na missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai, que é Princípio sem Princípio (cf. AG 2,1.2). A “natureza missionária” tem sua origem sem origem em Deus, historicamente transmitida através de Jesus ressuscitado.

Os pronunciamentos da fé se aproximam da realidade por meio de analogias históricas, culturalmente construídas. As representações de Deus e as fórmulas da fé são indicadores da verdade que não devem ser confundidos com a própria verdade. Nas múltiplas menções da “natureza missionária” (LG 1,1; AG 2,1; 6,6), trata-se de uma metáfora. Na metáfora, os termos são utilizados numa relação de analogia. Os dois termos utilizados, “natureza” e “missão, devem estar em relação analógica com um terceiro termo” (*tertium comparationis*). No caso da “natureza missionária”, várias analogias são possíveis, o que decorre em várias práticas missionárias.

Voltando para a metáfora dos missionários “caçadores” de borboletas e da missão “jardim”, cujas flores atraem as borboletas, podemos estabelecer um terceiro termo para a “natureza missionária”, que seria a “atração”. Natureza e missão são atraentes pelo fato de a natureza fornecer o alimento necessário a todas as criaturas; ela atrai os seres vivos, que se alimentam dela. A natureza não corre atrás (caçadores de borboletas!). A castanheira oferece suas castanhas no meio da selva amazônica, não no supermercado.

Como já vimos, a “atração” de Deus como coração da missão é igualmente significativa. O termo de comparação,

o *tertium comparationis*, da “natureza missionária” é a “atração”. A atratividade é a marca registrada do nosso Deus. Portanto, o essencial da “natureza missionária” é sua atratividade: atraí como a natureza e atraí como Deus.

A “natureza missionária” e a identidade da missão se realizam na multiplicidade de caminhos e contextos. Nesses caminhos, pode-se escutar em múltiplas línguas a voz daquele que o Pai enviou e convida: Segue-me! Nesses caminhos, pode-se também experimentar a presença de Deus, que atraí, encanta e promete: “Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos” (Mt 25,20). Ele é o Reino no meio de nós.<sup>16</sup> Do Reino, que está no meio de nós, nos atraí um Deus, definitivamente, justo e misericordioso.

### Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Como viver a atratividade de Deus em nossa ação missionária? Qual seria a finalidade dessa atratividade? Como a Igreja se apresenta hoje? Nossa Igreja atrai pessoas que não pertencem a ela? Quais as propostas para melhorar a atratividade missionária? Quais são os perigos dessa busca por “atratividade”?
2. O Decreto *Ad gentes* afirma: “A atividade missionária entre as nações se distingue da ação pastoral exercida entre os fiéis e das iniciativas empreendidas para restaurar a unidade dos cristãos, ambos intimamente ligados ao esforço missionário da Igreja” (AG 6,6). Como se relacionam as diferentes atividades com a “natureza missionária”?
3. Quais são as exigências da itinerância missionária? Como e por que se mostra o sedentarismo missionário um obstáculo para viver a “natureza missionária”? Quais são os desafios que a missão hoje coloca na pauta da Igreja?

16. Cf. RAT-ZINGER, Joseph (BENTO XVI). Jesus de Nazaré: do batismo no Jordão à transfiguração. São Paulo: Planeta, 2007. vol. 1, p. 68.



## NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

A revista *Convergência* recebe colaboração espontânea de artigos inéditos que serão avaliados pelo Conselho Editorial, o qual decide pela sua publicação ou não, de acordo com os seguintes critérios:

- o conteúdo deve estar em sintonia com o objetivo da revista, que é oferecer subsídios de formação, reflexão e aprofundamento para as comunidades religiosas;
- os artigos devem ser enviados em arquivo Word, em fonte Times New Roman, tamanho 12 (com rodapé tamanho 10), contendo entre 25 e 30 mil caracteres com espaço;
- elaborar, no final de cada artigo, pelo menos três questões para ajudar a leitura individual e o debate em comunidade, além de bibliografia consultada;
- enviar juntamente com o artigo os dados biográficos do autor e endereço para contato;
- os artigos deverão ser enviados três meses antes da data prevista para a publicação, no seguinte endereço eletrônico: <publicacoes@crbnacional.org.br>.